

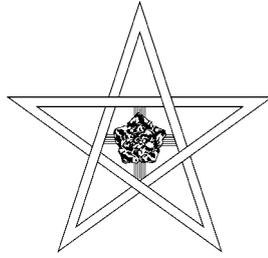


pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Os celtas e os lugares sagrados
Éiré – independente, mágica, invencível
Balizas no horizonte
O cristianismo celta
Um autêntico cavaleiro
O Graal da Luz
W.B. Yeats, poeta de coração irlandês

JUL/AGO 2011 | NÚMERO 4

**Editor responsável**

A. H. v. d. Brul

Linha editorial

P. Huis

Imagens

I.W. van den Brul, G.P. Olsthoorn

Redatores

C. Bode, A. Gerrits, H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,
A. Stokman-Griever, G. Uljée, I.W. van den Brul

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bithoven, Países Baixos
e-mail: pentagram.ln@planet.nl

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, M.J. Versiani, A.C. Pieranton, M.M. Rocha
Leite, M.B. Paula Timóteo, M. Mölder, M.L.B. da Mota,
M.D.E. de Oliveira, R.D. Luz, F. Luz

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Terceira capa

H. Rogel

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzaura.org.br
info@rosacruzaura.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaura.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno dever, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 33 número 4 2011

A revista **Pentagrama** n.º 4 deste ano leva o leitor ao mundo dos celtas, que, no decorrer do primeiro milênio antes de Cristo, povoaram toda a Europa, apesar de nunca terem formado um estado social definido ou um governo centralizado. Nosso passeio através dessa região misteriosa, que se perde na noite dos tempos, é como o vislumbrar de uma pintura multicolorida e cheia de matizes, salpicada de pontos luminosos que se abrem sobre vastas regiões e desvelam capítulos inteiros de nossa história secreta. Mas, aqui, não temos a pretensão de dizer tudo.

O que realmente nos inspirou o leitor encontrará nas páginas que se seguem. O que mais nos surpreendeu foi a facilidade com que as ideias libertadoras dos primeiros cristãos encontraram eco nos celtas: na França, na Inglaterra e principalmente na Irlanda. Como Taliesin, o último bardo do século V, entoou: "Cristo, o Verbo do princípio, foi nosso instrutor, desde o início do início, e nunca esqueceremos sua doutrina. O cristianismo talvez fosse novo na Ásia, mas nunca houve um tempo em que os druidas da Bretanha deixassem de pregar seu ensinamento".



sumário

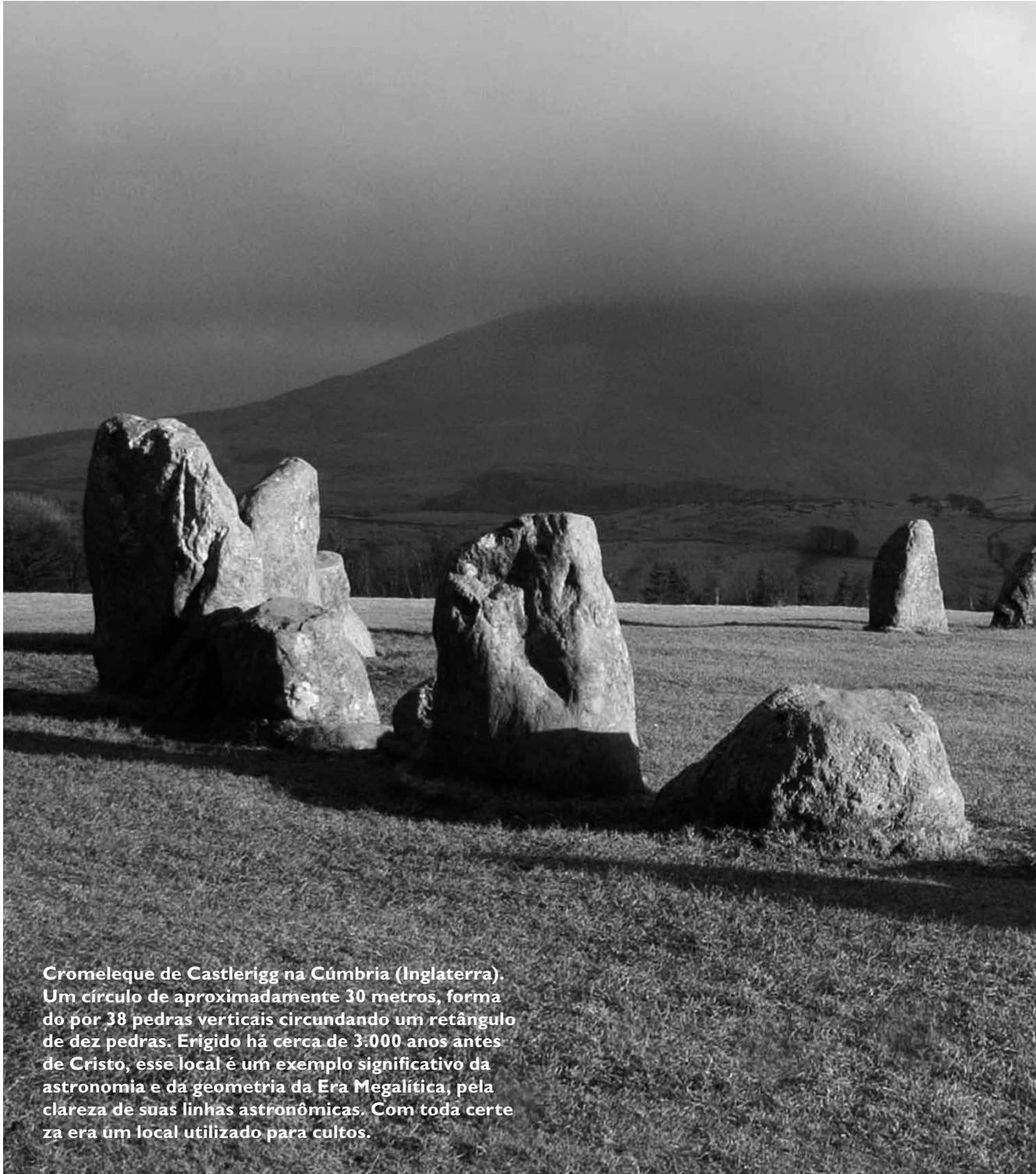
- o monte do testemunho 2
- o conhecimento dos mistérios é atemporal 6
- os celtas e os lugares sagrados 8
- as três gotas 14
- balizas no horizonte 19
- o cristianismo celta 21
- éire – independente, mágica, invencível 26
- um autêntico cavaleiro 30
- joão escoto, um livre pensador 37
- o graal da luz
- as antigas lendas do graal na tradição celta 42
- w.b. yeats, poeta de coração irlandês 48

Capa: representação da floresta sagrada dos druidas: gravura da ópera *Norma*, de Vincenzo Bellini (1802-35), Escola francesa, século 19. Biblioteca da Ópera Garnier, Paris. França/The Bridgeman Art Library

o monte do **testemunho**

Uma revista sobre os celtas – mas os celtas jamais existiram!

Uma revista sobre a Irlanda – mas não existe *uma* Irlanda!



Cromeleque de Castlerigg na Cúmbria (Inglaterra). Um círculo de aproximadamente 30 metros, formado por 38 pedras verticais circundando um retângulo de dez pedras. Erigido há cerca de 3.000 anos antes de Cristo, esse local é um exemplo significativo da astronomia e da geometria da Era Megalítica, pela clareza de suas linhas astronômicas. Com toda certeza era um local utilizado para cultos.



Prece celta

Abençoa-me,
Senhor, nosso Deus!
Pousa tua mão
Sobre minha cabeça
E deixa-me repousar
Entre tuas mãos.
Faze-me encontrar a força
De teu amor santificante
Que resplandece de teu rosto.
Que ela possa iluminar-me
Dia e noite,
Agora e sempre!



Há mais ou menos 11.000 anos começou o Período Neolítico (Idade da Pedra Polida), que trouxe uma série de acontecimentos revolucionários. Mesmo sendo muito diferentes de região para região, esses acontecimentos têm em comum pelo menos o início da agricultura e do pastoreio durante esse período.

“Cimérios” é o nome mais antigo que se conhece para designar os “keltoi”, povos que, segundo os gregos, viviam nas florestas que se estendiam nas regiões ao norte e ao oeste da Grécia. Nós os encontramos como *celtas* na Inglaterra, no País de Gales, na Hibérnia-Irlanda, como *gaélicos* na Escócia, e como *gauleses*, na Gália. Por volta de 3.000 a.C., todos esses povos partiram de sua terra de origem, que ficava além do rio Eufrates, rumo a novas regiões da Europa, na Gália e na Bélgica, até as ilhas sagradas (*insulae sacrae*) – que eram as ilhas místicas que ficavam no Oeste. Em linguagem esotérica atual, dizemos que os povos desse período eram “civilizações sobreviventes”. Pode-se dizer que esses povos tinham de recomeçar, depois de o núcleo de sua civilização original ter desaparecido por causa de grandes catástrofes, e o conhecimento característico de sua origem comum ter-se perdido.

Esses povos não registravam praticamente nada por escrito – pelo menos nada do que dizia respeito à sua religião. Eles também não utilizavam metal nem pregos na construção de seus altares. Eles representavam o “reino de pedra” evocado pela Bíblia (Dn 2:31–48).

Eles não conheciam nenhuma forma de governo centralizado, nenhuma unidade econômica ou política. Eles se mantinham autônomos em suas propriedades, mas partilhavam o mesmo sentimento religioso e a mesma língua: uma língua falada em todo o continente europeu, rica de imagens como nenhuma outra. Uma língua que já havia sido “falada no Paraíso”, de acordo com os ditados irlandeses e escoceses!

Graças à sua língua comum, os diversos povos sempre se reencontravam. É pela língua que se expressam o espírito coletivo, os hábitos, os usos e costumes, os rituais. Os celtas viveram com autonomia e em livre cooperação.

O povo e a tribo mantinham, cada um à sua maneira, uma ligação com os espíritos da natureza e com as hierarquias espirituais que permaneciam nos bastidores.

Assim, todos os celtas livres estavam ligados pessoalmente ao divino até onde sua consciência lhes permitia. Eles sentiam-se como que “aconchegados” na alma do mundo – não como uma personalidade perfeitamente individualizada, como nós, mas como parte integrante de um conjunto misterioso, no qual eles seriam um fator ativo.

Aqui e ali há sempre um nome que relembra a presença dos celtas. A raiz “kelt” pode ser encontrada na palavra “Gálatas”, povo da Ásia Menor, em “Galícia”, na Espanha, em “País de Gales”, na Grã-Bretanha, em “Gália”, na França.

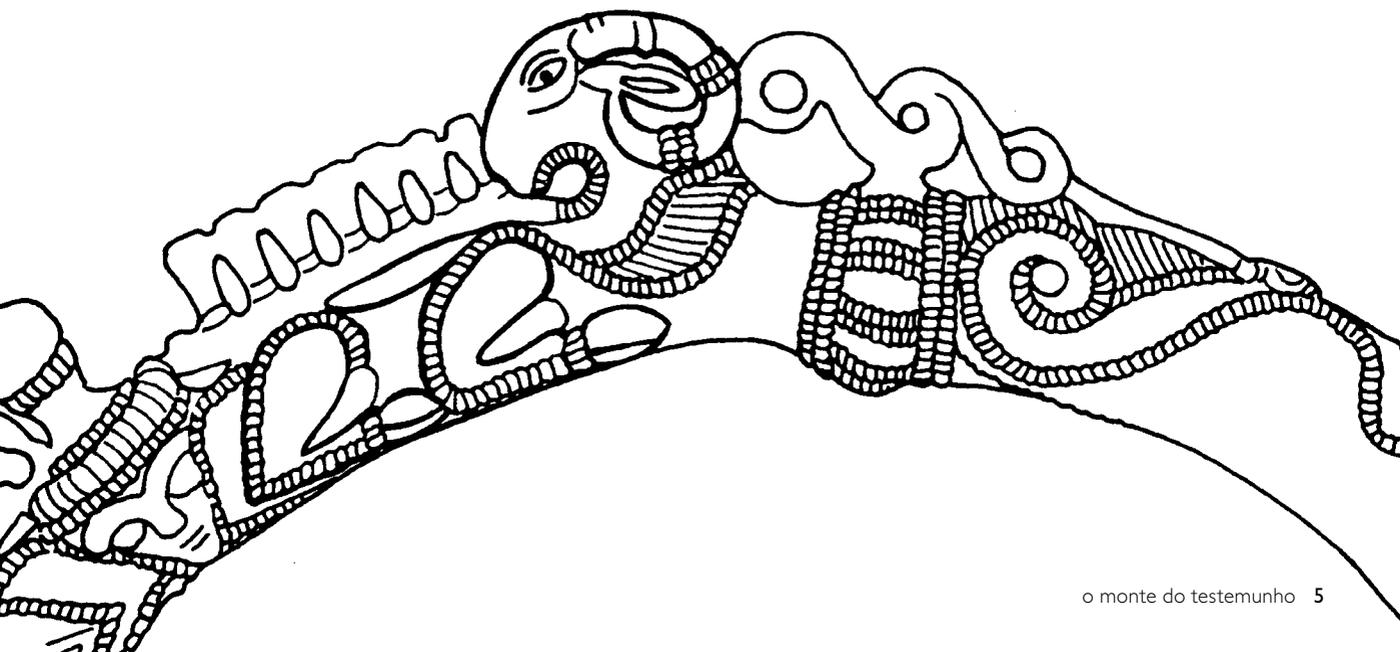
Os povos celtas ocuparam todos os territórios “nos confins da terra” (Finisterre na Bretanha, Cabo Finisterre na Espanha e nas Ilhas Britânicas) até o Mar Negro, e do Mar do Norte até o Mar Mediterrâneo

Rudolf Steiner, em Penmaenmawr, País de Gales, assim se pronunciou:

“Quando subimos a montanha, encontramos pedras druídicas. Se as considerarmos como monumentos comemorativos de tempos antigos que testemunham uma busca pelo Espírito, então podemos imaginar como os druidas celtas daqueles tempos, plenos de anseio, buscaram o Espírito. E eles apenas conseguirão concretizar esse anseio quando nós, também em nossa época, tivermos adquirido a compreensão do Espírito! Alcançaremos essa compreensão quando, à nossa maneira, vivermos o Cristo interior, que há de vir. Antes da volta de Cristo numa forma espiritual, que é a única maneira pela qual a humanidade o reconhecerá, ele primeiro teve de passar pelo mistério do Gólgota em uma forma física. E é isso que podemos vivenciar intensamente neste local, onde esses monumentos excepcionais permaneceram intatos”.

Rudolf Steiner, Penmaenmawr, “O conhecimento iniciático”, 18 a 31 agosto de 1923 de 1923

O celta é uma língua praticamente desaparecida em nossos dias, apenas deixou vestígios em alguns dialetos: nos confins da Europa: o galês, o escocês e o irlandês. O gaélico e o bretão também mostram vestígios da língua celta. O nome germânico dos celtas era *wallons*. Encontramos essa forma em nomes de regiões como Wallis, na Suíça, ou Wallonie, na Bélgica. No século IV a.C., que marcou um dos pontos culminantes da civilização celta, os celtas apoderaram-se de Roma em 390 a.C. E foram eles – e não os romanos – que fundaram cidades como Londres, Gênova, Estrasburgo, Bonn, Viena, Budapeste, Belgrado, Coimbra e Ancara! ✪



o conhecimento dos mistérios é atemporal

Paz, amor e justiça constituíam o fundamento do druidismo. Viver com base neles, aproximar-se do mundo e dos homens com sinceridade, isso é sabedoria: um conhecimento em união com tudo e com todos.

Como algo que passou por um apogeu há quatro mil anos pode ser atual? Dizem que o grande Hu Gadarn reestruturou o druidismo há cerca de 4.000 anos nos arredores de Stonehenge, que já era mais antigo. Ele, Hu, o poderoso, patriarca do povo Hu, contemporâneo de Abraão.

Nas Ilhas Britânicas encontramos inúmeros vestígios desse período. A cada dez hectares podemos descobrir um círculo, uma galeria ou um túmulo de pedras, ou um ortóstato (pedra fincada na posição vertical).

Estamos ali e percebemos o mistério: o grande enigma nos submerge. Pensamos: “Deve ter sido, com certeza, um local de cura. Ao mesmo tempo, servia para fins religiosos”. O tempo dissolve tudo! Aqui aconteceram coisas importantes: sentimos que sim. Aqui, a “cura” e o “conhecimento de Deus” não estão separados. E o limite entre o mundo comum e o outro mundo é muito relativo.

Um druida é um “iniciado na sabedoria dos mistérios”. A palavra “druida” tem ligação com o radical indo-europeu “vid”, presente também na palavra “Vedas”, que são os livros sagrados hindus. Significa “conhecimento”. O druida era quem preservava cuidadosamente os segredos e transmitia seus ensinamentos e sabedoria somente de forma oral. Em tudo ele via a colaboração dos “três”, ou seja, da Trindade Criadora. Estamos próximos a um círculo de pedras; sozinhos, apenas a relva e as pedras silenciosas. A sabedoria dos mistérios é atemporal! E ela está aqui! Será que podemos compreendê-la?

“Dis ou Dia (= Thau) é o Deus trino!
Bel ou Beli Mawr é a grande Luz criadora!
Taran é o guardião!
Yesu ou Hesus é o salvador que há de vir!”

Tudo é composto por três. A trindade forma a vida e cada existência:

Pai,
Luz,
Espírito.

Três qualidades resplandecentes da sabedoria:
Amor,
Verdade,
Coragem.

Três coisas que se originam das três unidades originais:
Toda Vida,
Todo Bem,
Todo Poder.

Os três fundamentos do druidismo:
Paz,
Amor,
Justiça.

Três coisas louváveis no ser humano:
Calma,
Sabedoria,
Amabilidade.

Os druidas conheciam a energia luminosa do nome de Hesus ou Yesu! E é exatamente o aspecto salvador que fez com que eles pudessem



acolher de todo coração uma nova revelação na qual Jesus Cristo viria como mensageiro do mundo solar.

O carvalho era a árvore sagrada da divindade, e o visco, com suas três bagas brancas, representava a trindade, e, mais particularmente, Yesu, a Luz. Ele, a força da Luz, sempre faz de dois um – e acaba com a divisão. O druidismo sem dúvida atendeu ao novo impulso da Luz: Cristo. Na

A Gruta de Fingal está situada em Staffa, uma ilha deserta na Escócia, próxima às Hébridas. Essa gruta, que é facilmente relacionada com os celtas, inspirou poetas e músicos românticos como Mendelssohn, que compôs sua célebre “Abertura das Hébridas”, e William Turner, que pintou “Staffa, a Gruta de Fingal”.

trindade druidica, Hesus é o “recriador que há de vir”. Assim, com a chegada do cristianismo, o sol foi novamente ligado ao mistério da ressurreição. Essa sabedoria desapareceu, mas está adormecida sob a superfície da consciência. Liguemo-nos a ela, como os druidas estavam ligados! Esqueçamos o tempo, o medo, a preocupação! Escutemos o Verbo do princípio, as palavras originais! Ele está esperando por nós! Ele está adormecido, esperando para ser despertado em muitos seres humanos dos tempos atuais. O tempo derrama tantas lágrimas, nesta época em que o intelecto já não sabe quase nada a respeito de sobriedade, honestidade, nem construir círculos de pedra, nem se lembra por que elas estão colocadas dessa forma, tão alinhadas, nem sabe como elas concentravam a energia de todas as pessoas presentes!

Mas nós, e muitos outros, sentimos o anseio por essa sabedoria: estar ligado intimamente à criação, sentir a livre ligação com o Espírito e a autonomia – pois esses são os três pontos essenciais dos *keltoi* ✨



os celtas e os lugares sagrados

Ao contrário do que muitos pensam, os celtas e os druidas não construíram templos nem conheciam sua utilidade. Nas antigas lendas galesas ou irlandesas, não há nenhuma menção sobre edifícios que teriam servido como templos. As fontes gregas e romanas não citam nenhum templo gaélico que pudesse ter existido antes das conquistas desses territórios por Júlio César.

LUGARES CONSAGRADOS

Pelo contrário: eles conheciam locais onde as pessoas veneravam os deuses.

Os textos latinos falam a respeito dos *loci consecrati* (lugares consagrados). Dião Cássio, um historiador romano de origem grega (164 – ca. 235 d.C.), autor de uma história romana em 80 volumes, deu uma descrição detalhada da revolta celta durante o reinado da rainha Boadiceia, em 60–61 d.C. Nos textos desse historiador, encontramos o termo “*nemus*”, que designa um jardim ou clareira rodeada de árvores. Isso nos reporta aos celtas, entre os quais encontramos o “*nemus*” em palavras como o *niam* gaélico e o *nenv* (*nan*) bretão. Os espaços sagrados dos celtas eram chamados de *nemeton*.

Depois das guerras gálicas (por volta de 59 a 53 a.C.), começaram a surgir alguns templos quadrados consagrados aos deuses romanos. No entanto, esses templos nada têm a ver com a sabedoria religiosa dos druidas. Na Irlanda, país que os romanos jamais conseguiram ocupar, não se encontra nenhum templo. Todas as cerimônias aconteciam no alto dos *tumuli* (ajuntamento de pedras), ou em florestas. A madeira era utilizada para construções de todo tipo. Os vestígios megalíticos (dólmens e alas cobertas), são moradas das divindades dos irlandeses, mas nunca foram locais de adoração. Isso porque esses lugares eram escondidos, inteiramente recobertos por vegetação e, portanto, desconhecido pela população da época. Esses vestígios são testemunhos da existência de outro mundo, de

uma civilização megalítica que remonta muito além do tempo que os historiógrafos relatam – em resumo, bem anterior aos celtas. A pesquisa contemporânea está começando pouco a pouco a saber mais sobre esses vestígios de pedra que encontramos disseminados por toda parte em nosso mundo.

NEMETON De acordo com o escritor romano Lucano (39–65 d.C.), esse conceito céltico de *nemeton* (derivado da palavra *nenh* ou *nemus*), não é muito ligado a um espaço físico, mas sim a um espaço simbólico que subentende um centro. Tanto pode tratar-se de uma localização geográfica quanto de um instante temporal ou de uma pessoa que se destaca do resto da comunidade. Os celtas estavam convencidos de que não havia sentido em “engaiolar os deuses”. Eles tinham a opinião de que o homem livre se abre para as energias dos deuses, ou de uma divindade, visando uma interação! O *nemeton* era a hora e o lugar em que acontecia o reencontro sagrado sob a forma de poderosa emissão ou influxo de energia. Os arredores das fontes também eram locais em que poderia acontecer o contato com o *nem* (o céu) e onde eram captadas energias vitais concentradas, originárias da terra ou do cosmo. Um desses lugares mais conhecidos é a Fonte de Baranton (Bel-enton).

“Bel, Belenos ou Beli Mawr” era, para os celtas, o nome do deus da luz resplandecente, do fogo do sol, da purificação. Uma fonte como a de Baranton, na floresta de Paimpont, é, portanto, um espaço de luz, de cura, de “Bel”.



Carreg Samson. Câmara funerária neolítica de Pembrokeshire (País de Gales), outrora recoberta (parcialmente) de areia e pedras, eleva-se, solitária, em uma baía. Três das sete pedras erguidas suportam uma enorme mesa de muitas toneladas.

Em um círculo druídico, o altar era chamado de “cromeleque”, que significa “pedra de adoração”, e era aí que uma pedra oca recebia a “pura água celeste”, sem mácula

No entanto, é importante salientar que quem determina o local são os seres humanos, conduzidos por sua própria intuição. Um *nemeton* é sempre atual e não pode ser encontrado ao acaso. É claro que esses locais eram sempre escolhidos com toda consciência pelos druidas, que estavam preparados para fazer a ligação da intuição do ser humano com seus profundos conhecimentos da natureza e das forças celestes. Ao contrário do que alguns acham, ao escolher esses locais, os celtas não estavam pensando em escapar dos romanos.

DESERTO – DYSERT O que foi falado antes é também a aplicação do conceito de “deserto”, que, entre os cristãos primitivos, ocupava uma posição especial. Desde a introdução da mensagem do Evangelho, podemos observar que, nas cidades gregas e romanas, alguns círculos (filosóficos ou religiosos) tinham a tendência de afastar-se da natureza. Ora, os primeiros cristãos sentiam necessidade vital de efetuar intercâmbio com a natureza, o que lhes oferecia uma forte vivência de unidade da criação – razão pela qual eles iam até o deserto, que é um espaço em que as atividades humanas não eram invasivas. O retorno à natureza e a ligação com ela é tudo o que buscavam os anacoretas cristãos. Como eles viviam principalmente em

regiões áridas, fez-se deles uma imagem equivocada. Em seguida, o cristianismo romano deformou o conceito de deserto. Os monges da Idade Média, que construíam seus mosteiros em locais tranquilos, mas próximos dos estabelecimentos humanos, estavam seguindo o exemplo dos eremitas bretões e britânicos que, desde o século I sempre estavam buscando esses locais. Estes últimos já estavam seguindo os passos dos druidas, que jamais haviam rompido o laço com a natureza. A palavra *dysert* pode ser encontrada em certas denominações de abadias na Irlanda.

Os locais de reuniões druídicas tinham a forma de um círculo ou de um orbe. Sempre abertos dos lados e no alto, eles simbolizavam, por sua forma, a abóbada celeste. O metal e as armas não eram admitidos nesses lugares. O círculo druídico comportava um altar chamado de *cromeleque* (pedra de adoração) e, à direita, uma pedra oca que servia de pia para a água virgem e santa recolhida diretamente das nuvens de chuva. Nenhum culto poderia acontecer antes da aurora e nem do pôr-do-sol. O local era circular para simbolizar o eterno ciclo da natureza. Uma função simbólica também pode ser aplicada às vias de acesso. Foi descoberto um caminho com 7 milhas de comprimento.

ESCOLAS SUPERIORES CELTAS Deodoro de Sicília (90–21 a.C.) é o autor de uma História do Mundo em 40 volumes, em que menciona o seguinte: “Entre os gauleses e os bretões, há filósofos e teólogos muito estimados, chamados *druidas*. Eles são guardiães de larga sabedoria a respeito de todas as ciências da época”. Séculos antes da era cristã as ilhas britânicas somavam dezenas de universidades druídicas, que abrigavam inúmeros estudantes importantes. A religião, o direito e a ciência eram reservados à elite. Para assimilar toda a sabedoria druídica e tudo o que ela continha, seria preciso, em média, vinte anos e, mais ainda: um corpo etérico bem forte e sadio que pudesse garantir memória perfeita!

Além disso, certas fontes gregas e romanas contam que nobres e ricos de Atenas e de Roma enviavam os filhos para essas universidades, para estudar direito, ciências e religião. Mais: Platão achava que muitas partes importantes da filosofia grega originaram-se no Ocidente. Então, inúmeros autores entre os mais antigos da Grécia e de Roma não compreendiam os ensinamentos druídicos, mas seus textos sempre continham louvações à ciência e à sabedoria dos druidas. Esses autores relacionavam a sabedoria dos druidas com os ensinamentos de Pitágoras. Também havia, entre os antigos, autores que, baseando-se no fato de que Pitágoras se havia beneficiado do ensino dos druidas, supunham que Museu, Orfeu e Pitágoras eram druidas!

A DOCTRINA DA TRINDADE Segundo Júlio César, “os druidas fazem da imortalidade da alma a base de seus ensinamentos. Eles consideram que aí está a principal motivação para uma vida virtuosa.” A unidade do divino era a essência do druidismo – uma unidade que era uma Trindade. “Hesus, Taran, Bel eram nomes para a divindade una: os druidas reconheciam um só Deus”, ensina-nos Procópio de Cesareia (530 d.C.). Os druidas tinham conhecimento do chamado “grande segredo”, comunicado oralmente de geração a geração: a doutrina da trindade. Para esclarecer esse princípio que se resumia na ideia fundamental de tríades, sempre utilizavam uma árvore. Eles escolhiam um carvalho com dois ramos bem horizontais, que, grosso modo, tinha a forma de uma cruz. No ramo da direita, talhavam o nome Hesus (ou Yesu, “força”); no tronco, o nome Taranis (sabedoria); no ramo da esquerda, Belenis, que significa luz e também amor. Depois, no alto do tronco, eles gravavam o nome da divindade Tau ou Thau. Já séculos antes da vinda de Cristo, existia uma tríade celta:

“O Senhor nosso Deus é um. Erguei-vos, ó portais, elevai-vos, ó portas eternas, e o rei da glória entrará. Quem é esse rei da glória? É o Senhor Yesu, ele é o rei da glória”.

Eram os druidas que ensinavam os jovens. A esse respeito escreveu Júlio César: “Os jovens vêm em grande número para aprender com eles, que são muito respeitados. Muitos vêm voluntariamente,



O famoso caldeirão de Gundestrup, descoberto na Dinamarca, é todo ornado de figuras celtas ritualísticas, mas, na verdade, teve origem na Trácia. O caldeirão seria de fato uma encomenda dos scordisci (celtas), ramo que invadiu os territórios do baixo e médio Danúbio em 120 a.C.

mas muitos são enviados pelos pais”. Ao contrário do que argumentou Plínio, o Velho, a palavra druida não tem relação com a palavra grega para *carvalho*. *Druida* vem da palavra antiga *dru-wide* = *ver* (no latim, *videre*; no grego, *idein*). Literalmente, *druidas* significa “os que veem longe” ou “os que sabem muito”. Em língua celta há uma ligação entre o termo que significa *ciência* e a palavra *árvore*. A raiz indo-europeia “vid” tem estreito parentesco com a palavra gaulesa *vidu* (árvore). Nas palavras celtas para *sabedoria* e *floresta* também existe uma ligação entre o significado *saber*, de um lado, e *experiência mágica religiosa*, de outro,

com relação às respeitáveis árvores ancestrais.

Isso não é tão surpreendente, se pensarmos na árvore do conhecimento, que pode ser encontrada nas tradições de todos os povos. Como homens que possuíam o conhecimento e também viviam próximos das árvores e da natureza, os druidas ofereciam seus ensinamentos em locais abertos e sagrados e aí realizavam seus rituais.

A FORÇA DA MEMÓRIA De acordo com Júlio César, eles meditavam sobre as estrelas e seus

No ano 43 d.C., o imperador Cláudio ordenou que a Bretanha fosse invadida e as universidades, as bibliotecas e os institutos druidicos fossem destruídos

movimentos, as dimensões da Terra e das terras, a natureza das coisas, o poder dos deuses – todos esses assuntos que eles transmitiam aos jovens. A instrução era feita unicamente de boca a ouvido. Os druidas tinham duas razões para desconfiar dos textos escritos. Por um lado, eles não queriam que seus ensinamentos se tornassem públicos; por outro, queriam prevenir o erro que seus estudantes poderiam cometer ao imaginarem que conheciam algo somente pelo fato de poder colocar esse conhecimento por escrito, negligenciando a memória. Para explicar porque o tempo de estudos era tão longo, pensamos que a razão principal estava no fato de que eles esperavam que os jovens se tornassem homens independentes, livres e maduros, para então, por sua vez, divulgar essa sabedoria.

Um druida explicava o seguinte ao filósofo grego Luciano de Samósata (125–ca. 181 d.C.): “Não estamos ligados à eloquência de Hermes, como vocês, mas sim ao poderoso Hércules... Achamos que Hércules era um sábio que, por força de sua eloquência, preparou-se para realizar tudo o que fez e, pela força de sua convicção, pôde vencer todos os obstáculos. Para mim, suas flechas rápidas não eram outra coisa senão suas palavras afiadas e bem dirigidas a fim de dirigir a atenção para

o desvio da alma: eram palavras aladas, como vocês dizem”.

No ano 43 d.C., o imperador Cláudio ordenou que a Bretanha fosse invadida e as universidades, as bibliotecas e os institutos druidicos fossem destruídos, chegando a propor ao senado romano que todos os que confessassem seguir a religião druídica fossem mortos. Por conta disso, muitas pessoas correram para os portos a fim de fugir para outros países, em busca de liberdade.

Por fim, o império e a Igreja de Roma conseguiram minar totalmente a influência dos druidas, até fazê-la desaparecer. De qualquer modo, com todos esses incidentes, ainda foi possível acontecer uma notável fusão entre o druidismo com base na pura Luz e o cristianismo primitivo que ainda estava intacto e já se expandia na Europa ocidental no ano 50 d.C. ✪

as três gotas

Todos os povos têm seus santuários. Geralmente, são construídos em lugares especiais considerados sagrados. Os livros sobre os celtas e os druidas, principalmente da Irlanda, possuem incontáveis indicações desses locais misteriosos. Mas o que é realmente um santuário?

“Senti que o sopro de mundos estranhos me tocava o rosto”

Ella Young, *Contos celtas*

“O que há em um nome? Porventura, aquilo a que chamamos rosa, se tivesse outro nome, teria igual perfume?”, questionou, certa vez, Shakespeare, o bardo inglês.

A palavra “santo” tem sua origem na raiz indo-europeia “sak”, cujo sentido mais profundo é o de se estabelecer um convênio, uma ligação, neste caso, com Deus. No Novo Testamento, o sagrado faz-se presente pela palavra grega “hagios”, cujo étimo apresenta vários matices que nos remetem à ideia de reverência, de purificação e de conscientização. Vemos, portanto, que a santificação se revela como um processo de purificação que tem por objetivo firmar uma aliança entre o humano e o divino. E o santuário é o espaço privilegiado onde esse

Lanyon Quoit (Mesa dos Gigantes), na Cornualha. Atualmente, acredita-se que os celtas não cobriam totalmente os monumentos megalíticos, mas que deixaram a descoberto tanto as mesas de granito como os pilares, para que servissem de pano-de-fundo para cerimônias ritualísticas.





Prece de uma parteira

(Prece celta)

Uma gota de água do céu,
uma gota de água da terra,
uma gota de água do mar,
sobre tua fronte, meu amor.

Para proteger-te,
Para guardar-te,
E envolver-te de cuidados.
A gota de água dos Três.



contato entre o tempo e a eternidade se realiza. Trata-se de um local onde podemos encontrar a cura de todos os males, isto é, onde podemos tornar-nos novamente completos, perfeitos, unos com Deus.

Os celtas diriam que essa unidade é a confluência de três gotas: uma verte do céu, outra, da terra e outra, do mar. A primeira vem do Alto e nos protege, a segunda brota da terra, onde nossos pés se firmam na senda de salvação, e a terceira nos envolve de todos os lados e nos

preenche com seu bálsamo curador.

Por isso, para os celtas um santuário era como um cálice, capaz de acolher as três gotas e preencher o ser humano com a graça divina. Era um campo verdadeiramente curador onde as forças divinas se espargiam sobre o mundo e a humanidade, sem acepção de pessoa.

Esse campo é, para quem que dele se achega, uma morada, um espaço não terrestre, muito especial, onde o ego não é o senhor: um espaço

No templo humano arde uma centelha luminosa de onde jorram incessantemente as águas curadoras para todos os que têm sede de vida eterna

no mundo, mas que não é deste mundo. Na realidade, é mais do que uma morada, é um lar. Uma morada, ao cumprir seu papel de abrigar seus habitantes, pode dar-se ao luxo de regalar-se na passividade, mas um lar, nunca! Ele é ativo, vivo, dinâmico, é uma morada onde arde um fogo que acalenta todos os que dele se aproximam, um local onde o espírito busca unir-se com o Espírito que cura.

Os rosa-cruzes do século XVII chamavam esse espaço de “Casa *Sancti Spiritus*”, ou Lar do Espírito Santo. Para a Rosacruz Áurea, trata-se do “corpo-vivo”. Essa morada não consiste em matéria morta. Ela é a oficina terrestre, onde celebra-se metodicamente o trabalho sagrado, mágico e sanador, e que deve ser conservada da forma mais pura possível para receber a irradiação desse corpo-vivo.

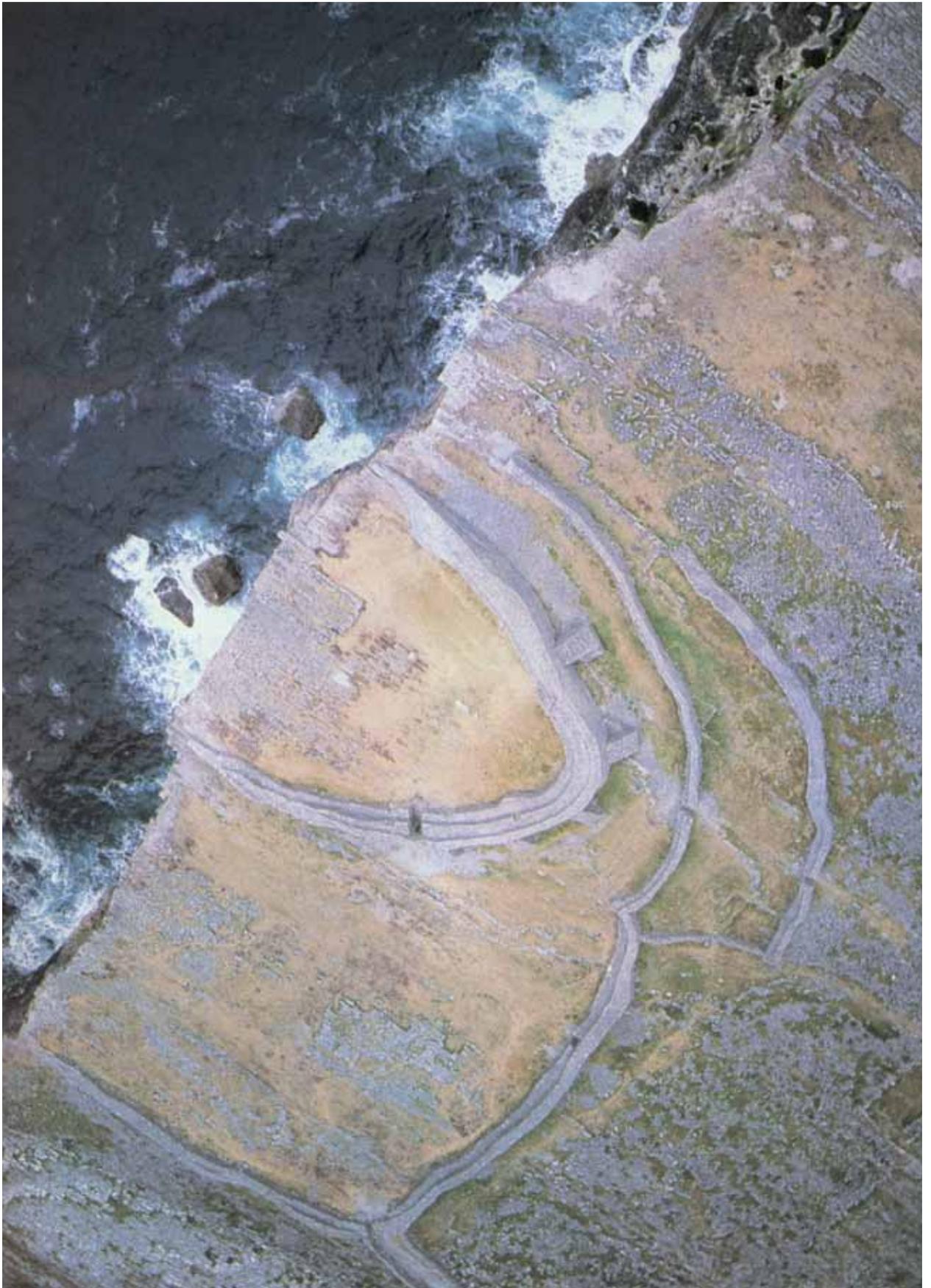
O ESPÍRITO DA VERDADE Desse modo, uma casa construída por mãos humanas pode tornar-se em local sagrado, que não concebemos como material. O verdadeiro santuário não se refere meramente a uma organização nem a um dogma, mas sim a um espaço onde os éteres puros e luminosos da supranatureza são acolhidos e conservados.

Segundo o axioma hermético “o que está embaixo é como o que está em cima”, portanto, essa radiação da luz se corporifica em uma forma onde o espírito da verdade encontra condições de viver. Essa forma encontra-se totalmente orientada para a realização da obra sagrada e pode revelar-se como um templo ou como

uma choupana, não importa, desde que seja um testemunho puro e inequívoco da presença de Deus aqui na Terra.

Essa é a razão pela qual a cultura céltica se voltou para as árvores, que correspondem perfeitamente à sua maneira de ver o homem e a natureza. Assim como não podemos dizer que o homem não passa de um animal, não podemos dizer também que uma árvore não passa de um vegetal: os dois como que estenderam as mãos para o alto na esperança de alcançar seu verdadeiro destino. Para os druidas, o carvalho e outras árvores da floresta comungavam do mesmo simbolismo que plasmaram as colunas dos templos da Idade Média.

Contudo, esses povos sabiam que não era a pedra, a madeira, o mármore ou a areia que imprimia autenticidade aos templos, mas sim o conagraçamento de cabeças, corações e mãos humanos. Estavam cientes de que no templo humano, no santuário que está no meio, ardia uma centelha do fogo eterno, muitas vezes quase imperceptível através dos véus que envolvem o mundo material. Essa centelha é a fonte luminosa que está no centro da morada humana e de onde jorram incessantemente as águas curadoras para todos os que têm sede de vida eterna ☸



balizas no horizonte



As grandes estruturas de pedra do Período Neolítico são o testemunho de um impressionante conhecimento de geometria. Os construtores mediam e falavam com o coração, com o auxílio de uma única medida e de uma única língua.

Os construtores das grandes estruturas de pedra do Período Neolítico (Idade da Pedra Polida, que se iniciou há cerca de 11.000 anos), tinham uma consciência bem diferente da nossa, e assim também era a natureza de seu conhecimento. Eles não possuíam nossa consciência racional nem a grande quantidade de informações de que agora dispomos, mas isso não os impedia de ter a “sabedoria do coração”, a ligação com a criação e a intuição cheia de sabedoria com a qual abordavam a vida e seus semelhantes.

Eles não viam nenhuma separação entre arte e ciência, religião e filosofia, astronomia e astrosofia. No entanto, foram capazes de erigir construções incríveis e dispunham de um impressionante conhecimento de geometria. Seguiam com exatidão a trajetória dos corpos celestes e reconheciam a importância das mudanças de estação. Eles tinham consciência da relação entre o “pequeno mundo” humano, o microcosmo, e o “grande mundo” do universo, o macrocosmo. As correntes de energia do corpo humano não tinham segredos para eles. E as linhas de energia da terra, as *linhas de Ley*, eram tão comuns para eles quanto os mapas e roteiros o são para nós, e era ao longo delas que edificavam suas construções (postos de observação astronômica? Ou pontos de concentração de energia? Ou locais de

O fascinante forte Dun Aengus, da época da Idade do Ferro celta (cerca de 500–100 a.C.), no alto de um despenhadeiro que dá para o Atlântico em Inishmore, ilha da costa oeste da Irlanda (vista aérea).

cura? Ou construções religiosas? Ou locais onde os sábios se reuniam?). A precisão com a qual esses pontos de encontro energéticos correspondiam às posições e aos movimentos dos corpos celestes naquela época nos deixa estupefatos. Isso é prova de que, nas antigas civilizações, muitos eram os que viviam de acordo com o ditado: “o que está embaixo é como o que está em cima”.

Os cientistas acreditam que havia, na época, uma única língua mundial, falada até há 15.000 anos, assim como não havia senão uma medida – a jarda megalítica – para as construções. A língua era sagrada, própria ao que era divino; a palavra tinha poder: ela era praticada com muita atenção. Nada era registrado, pois todos sabiam tudo: os que possuíam o saber dirigiam o povo; o rei tinha o Conhecimento, pois era um sábio, um “conectado”. Alguns grupos indicavam locais onde os homens poderiam estabelecer-se: eram os que possuíam a arte da construção e da arquitetura – todas as disciplinas eram representadas entre eles. Platão escreveu em *Crítias*: “Durante inúmeras gerações, enquanto sua natureza divina ainda tinha força bastante, esses homens obedeciam às leis e estavam inclinados de coração a comportar-se de acordo com sua origem divina, orientando-se em todos os aspectos pela verdade e pela cortesia; nas circunstâncias sempre mutáveis, eles sempre eram suaves e sábios em suas relações recíprocas”.

Tudo leva a crer, assim dizem os cientistas, que antes do dilúvio, cerca de 11 mil anos a.C. (Platão situa o desaparecimento da Atlântida por

volta dessa época), a terra conheceu outra civilização megalítica elevada. Descobrimos muitas coisas que o demonstram e são indicativos desse fato: construções em pedra de dimensões prodigiosas, que ficaram submersas após a elevação do nível do mar, a orientação pelos astros, a utilização da jarda megalítica de mais ou menos 83 centímetros como unidade de medida aplicada por toda parte no mundo e a simbologia uniforme.

John Mitchell (1933–2009) publicou muitos livros sobre esse assunto nos anos 70 do século passado. Por mais difícil que seja demonstrar cientificamente, os peritos nessa área, como ele,

Reconstituição de uma vasta área em Manching, às margens do Danúbio (Bavária), que serviu de pasto para rebanhos por milhares de anos, antes de um povoado (*oppidum*) celta ser construído no local

são de opinião de que a estrutura das linhas de força que atravessam a superfície da terra era conhecida pela civilização que edificou essas misteriosas construções de pedra. Elas estão sempre em pontos nos quais essas linhas se cruzam ou se tocam: são locais energéticos importantes.

A sociedade megalítica adaptava-se aos impulsos elétricos de uma trama de misteriosas linhas retas ligadas entre si (o que ainda existe, atualmente). Até hoje ainda existe muita gente que pode dar testemunho da atmosfera ou da influência que emana desses lugares. Mitchell descobriu que os monumentos antiquíssimos estavam ligados, por meio de linhas retas perfeitas, com pelo menos mais duas outras estruturas de pedras. Essas linhas astronômicas continuavam rumo a outras estruturas ou sítios de pedra e estavam sempre direcionadas a balizas no horizonte ☼



o cristianismo celta



Irlanda, a ilha verde, é designada como o país dos santos e dos eruditos. Sob a direção dos druidas, ao longo de extenso período e por várias fases de desenvolvimento, jovens eram conduzidos a um pensamento independente. Os primeiros escritores irlandeses utilizavam a palavra latina “magi” para designar os druidas. Desde tempos imemoriais, sua religião druídica aguardava o retorno da Luz. Foi nesse contexto que ela encontrou um solo fértil no jovem e puro cristianismo.

Como poderíamos jamais esquecer

A Irlanda de onde se ergueu

Para nós o esplendor de tão

Grandiosa luz com o sol da fê?

Abade Grimoaldo de São Galo (cerca de 860 d.C.)

Foi na Irlanda, nos primeiros séculos de nossa era e sem nenhuma interferência exterior, que aconteceu o casamento tão particular da sabedoria dos antigos mistérios e dos novos impulsos do cristianismo interior. É um erro pensar que a cultura celta matriarcal, a mais original e holística, tenha desaparecido brutalmente em razão da cultura masculina autoritária do cristianismo. Isso talvez possa ser verdade no que diz respeito ao movimento de restauração que Roma operou no século VI, mas não se trata seguramente do cristianismo celta dos primeiros séculos de nossa era, que é uma invenção da autêntica Irlanda. A verdade é bem anterior na Irlanda. A nova mensagem cristã dos representantes dos antigos mistérios foi logo reconhecida e por sua vez impulsionou um jovem movimento espiritual estimulado pelo novo impulso de luz de Cristo com base na sabedoria ancestral. Por esse motivo, o cristianismo irlandês expandiu-se em pouco tempo e difundiu-se além de suas fronteiras, em um processo paulatino e pacífico em que o caráter próprio da postura irlandesa diante da vida jamais foi renegada.

REDES COMERCIAIS Os acontecimentos da Palestina, no tempo da crucificação de Jesus, ficaram

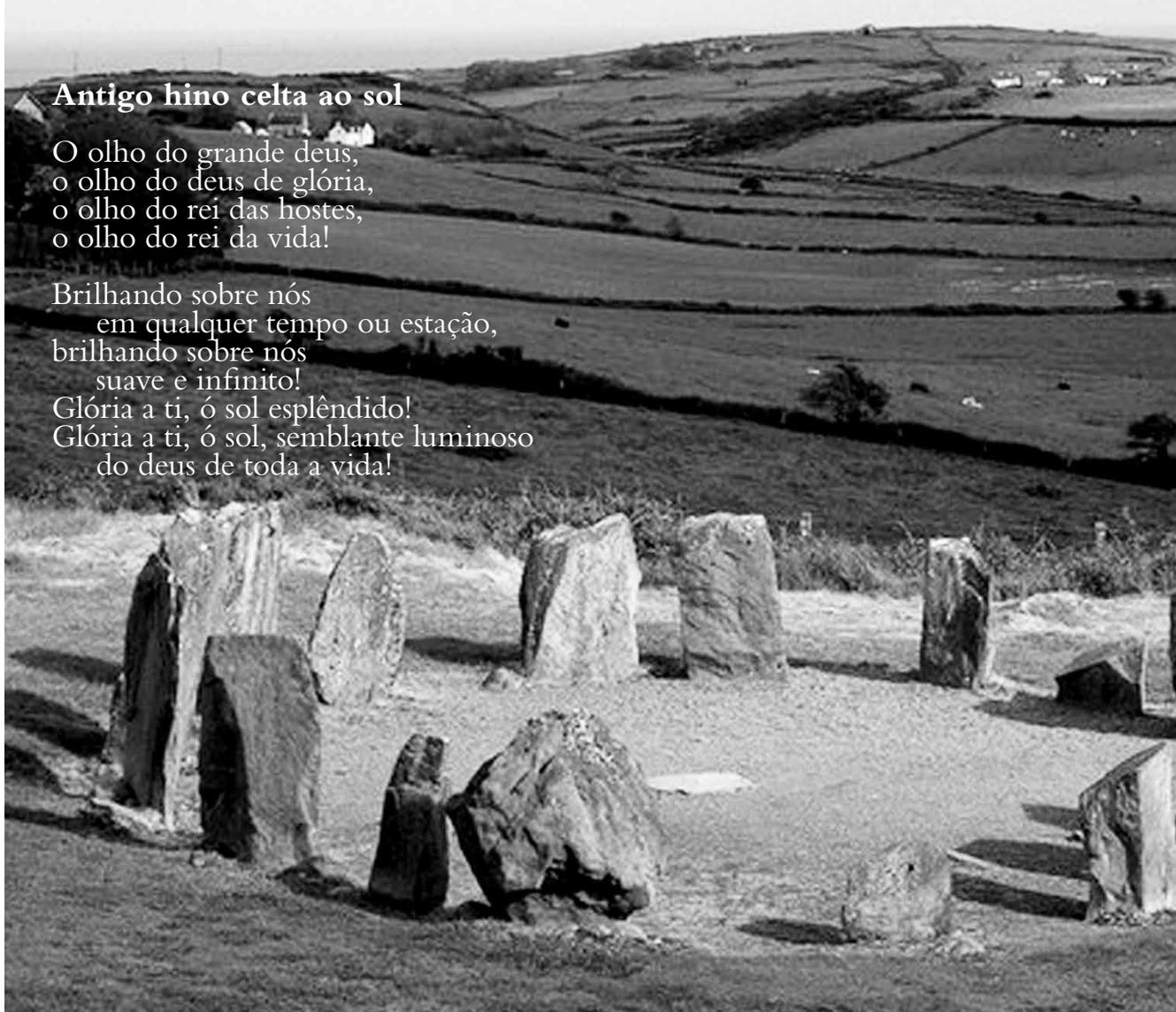
sendo conhecidos pelos druidas por meio de várias vias. As numerosas relações comerciais entre o País de Gales, a Irlanda e as cidades romanas das cercanias do Mar Mediterrâneo e os muitos visitantes que na Antiguidade visitavam os centros do druidismo na Britânia possibilitaram isso. Os escritos transmitidos – tanto em verso como em prosa – descrevem a filosofia e a teologia dos druidas, em particular seus grandes ensinamentos sobre a eternidade e a inviolabilidade do universo. Os druidas qualificavam suas leis de “ordens celestes”. Sempre transmitidas oralmente, elas foram colocadas por escrito por ordem do rei de Ulster em 48 d.C. Duzentos anos mais tarde, o rei Cormag (266 d.C.) renovou as leis antigas, reconstruiu a academia de Tara-Skryne (fundada em 1348 a.C.) e ordenou aos druidas – muitos dos quais se haviam tornado bispos ou sacerdotes – que ensinassem história, direito e arte militar. Essa “dupla função” não era um problema, pois não havia, na realidade, nenhuma divergência de visão. Um grande número dentre eles não trocou de função, de tal sorte que, mesmo após a conquista da Irlanda pelos ingleses, os bardos, os juizes, os médicos e os harpistas conservaram seu lugar na sociedade.

A história mais tardia da Igreja silencia sobre essa verdade. A Igreja estabelece e dissimula o fato de que o cristianismo irlandês, no início, provinha integralmente dos ensinamentos libertadores originais e universais e de que, com efeito, ele nada tinha de romano. É justamente o contrário: as primeiras sociedades cristãs

Antigo hino celta ao sol

O olho do grande deus,
o olho do deus de glória,
o olho do rei das hostes,
o olho do rei da vida!

Brilhando sobre nós
em qualquer tempo ou estação,
brilhando sobre nós
suave e infinito!
Glória a ti, ó sol esplêndido!
Glória a ti, ó sol, semblante luminoso
do deus de toda a vida!



surgiram em Roma graças à ação dos nobres gauleses que haviam recebido a nova fê de uma fonte direta e a haviam transmitido em Roma! O que Agostinho e Patrício levaram para a Irlanda cinco séculos mais tarde foi um cristianismo bem diferente!

CONHECIMENTO DAS TRÍADES Já há séculos os druidas compreendiam que seus antigos mistérios deveriam desaparecer devido ao desenvolvimento da nova consciência. Isso explica plenamente a facilidade com a qual se pôde efetuar tão livremente a transmissão espiritual. Uma nova era despontava, e ela exigia um novo método iniciático; isso lhes fora profetizado, estava presente no conhecimento das tríades, e os druidas queriam colaborar nisso. Antes dessa época, a iniciação era geralmente orientada sobre o desenvolvimento e o reforço

dos poderes do eu por meio de provas corporais extremas.

Não é por nada que a coragem heroica e intrépida dos guerreiros celtas inspirava temor aos romanos. Para os celtas o mundo era tudo, menos um refúgio. Para eles o mundo era carregado de forças mágicas e povoado de demônios. Somente a resistência dos guerreiros nas piores circunstâncias os preparava para o combate contra os poderes obscuros. Eles eram então auxiliados pela sua ligação com a natureza, sustentados pelas forças planetárias ativas que, graças aos druidas, sabiam aproveitar em toda sua realidade. A palavra “celta” significa “corajoso, intrépido”. Eles seguiam os astros, o cosmo e viviam de acordo com as mudanças de estações. Seu sentimento sobre o sobrenatural exprimia-se na veneração de alguns lugares santos, lugares de liberdade onde somente circulava uma



No condado irlandês de Cork se encontra o monumento megalítico quase perfeito de An Drom Beag (Círculo de Pedras de Drombeg). Ele foi construído de modo que a linha imaginária que passa pela pedra do altar através do centro da fachada de pedra coincide com o ponto onde o sol aparece no solstício de inverno, 21 de dezembro

riam vencer seu medo. O fundamento seria a experiência direta e imediata do divino, já não unicamente na natureza, mas também em si mesmo, de sorte que cada um pessoalmente estivesse preparado para seguir o caminho dos mistérios.

Uma profunda e sensível veneração pelo sol como a imagem de Deus os tornava receptíveis ao encontro com Cristo na qualidade de rei solar, o espírito planetário central.

Nesse mistério, os druidas reconheciam a vitória da luz sobre as trevas, assim como era celebrada antes no solstício de inverno. Os druidas sempre refutaram que a luz do sol tivesse de ser venerada como uma divindade vingativa e sedenta de sacrifícios de sangue. A única oferta pedida era aquela do “eu”, na luta necessária para aprender a adquirir esse comportamento. A partir disso, tratava-se com efeito de uma nova energia, o amor. Imitando o filho de Deus, devemos oferecer-nos sem necessidade de derramamento de sangue.

Assim, o país de Gales e a Irlanda são as únicas regiões onde, durante o cristianismo, nunca foi derramado sangue. Foi um cristianismo espontâneo, sem crueldade, como realmente deve ser!

Uma vez que o processo de mudança interior por meio das novas forças espirituais foi compreendido, a adoração das forças naturais foi abandonada espontaneamente. A Irlanda foi um exemplo porque os irlandeses jamais submeteram-se aos romanos e porque seu próprio culto anunciava a vinda de um mensageiro da

força autenticamente pura. Nas vastas florestas, especialmente em clareiras, nas confluências de ribeiros, sobre as margens de um rio, mas também junto aos bem antigos dólmenes e menires, eles erguiam suas construções em madeira. Ainda possuíam uma intuição inata – vestígio da antiga clarividência – que lhes permitia perceber as relações que os uniam às forças naturais circundantes. Acreditamos encontrar indicações disso no uso que faziam da tonsura e de longos cabelos sobre a nuca, que exprimiam essa ligação.

UMA NOVA CORAGEM Com o passar do tempo, esses poderes cessaram, e os celtas perderam progressivamente seus antigos costumes. Seu sacrifício e sua coragem, colocados em questão, deveriam tornar-se de outra natureza. A devoção, o desapego e a consagração deve-

A sensibilidade sobrenatural dos celtas também se expressou na veneração dos lugares santos, lugares de liberdade onde circulava uma força pura

Luz; eles reconheceram rapidamente o cristianismo e a ele aderiram livremente. Mais tarde, eles tornaram-se seus ardorosos propagadores. Entretanto, no fogo de seu ardor, a herança celta dos druidas e a sabedoria druídica desapareceram; acabaram apagando-se. No tempo de Patrício (evangelista do século V), pelo menos 180 livros relatando as peregrinações dos druidas foram queimados.

PATRÍCIO Assim como Agostinho foi, a princípio, formado pelos maniqueus, Patrício o foi pelos druidas. Ele veio das Ilhas Britânicas e foi aprisionado pelos celtas galeses. Tornou-se escravo de um druida e parece que aprendeu muito sobre as doutrinas e a magia dos druidas. Converteu-se ao cristianismo e viu que sua missão era converter os celtas galeses. Sendo assim, ele batizava e consagrava os padres. Devido a certa semelhança entre a religião dos druidas e o cristianismo romano, os herdeiros do druidismo na Irlanda foram mais ou menos os primeiros cristianizados. As informações dos monges cristãos provinham das primeiras fontes do século V, na época em que Patrício circulava como missionário de Roma. Esse era um cristianismo completamente diferente do impulso libertador que alcançou as ilhas sagradas no primeiro século! É por esse motivo que a Igreja mantém de tal modo a imagem de um cristianismo impulsionado por Patrício. Duzentos anos após sua morte, ele foi declarado fundador do cristianismo, se bem que ele seja apenas o símbolo de outra espécie de cristianismo importado de Roma pela

Irlanda no oitavo século. É evidente que a luta contra os “costumes pagãos” é melhor revelada nos escritos históricos dos vencedores; e isso o próprio Agostinho admite nas suas “Confissões” ter descoberto na Irlanda cristãos “que haviam encontrado o cristianismo por si mesmos”.

Após a cristianização realizada por Patrício, abandonaram todas as ações especiais que não estavam de acordo com a fé cristã e os druidas “superiores” – os verdadeiros “magi” – foram excluídos do sacerdócio. Os druidas de ordem e saber inferiores deixaram-se batizar; eles foram denominados “fili” e puderam preencher diferentes funções nas estruturas da Igreja.

Assim desapareceu a tradição oral, que teve um papel evidente nos primeiros séculos ainda não cristianizados. Somente mais tarde ela foi transcrita em parte. Os elementos empíricos e legendários e seus símbolos mitológicos dão uma imagem dos druidas em suas diversas funções. Distinguimos uma classe superior e uma classe inferior de sacerdotes. O conceito geral *druí* aplica-se a todos os chefes da classe dos sacerdotes. César escreveu a palavra na forma gaulesa *druis*, e os autores a escreveram mais tarde como *druída*. Essa palavra significa “alta classe dos sacerdotes”. Após a cristianização da Irlanda, essa palavra perdeu o significado e aplicava-se exclusivamente à classe inferior dos sacerdotes, espécie de xamãs praticantes de feitiçaria. Os bardos, os contadores de histórias e os cantores populares eram provavelmente membros do sacerdócio. Na Gália e no País de Gales, os bardos – trovadores celtas – tiveram

certo papel na sociedade cristã até o fim da Idade Média.

O ENSINAMENTO Entre todas essas denominações, categorias e funções individuais entre a classe dos druidas, é preciso não esquecer o sentido profundo da palavra “druida”. Aos poucos seu significado se apagou da consciência dos povos celtas; na Bretanha, perdeu-se completamente, principalmente após a cristianização, e foi trocada por “feiticeiro” ou “mago”. Para os que compreendessem alguma coisa dos ensinamentos interiores, os druidas instituía oásis de paz e conhecimento, sendo que os que ainda não estavam assim tão afastados eram acompanhados em seu caminho de experiências, onde adquiriam valores morais de coragem, intrepidez e responsabilidade.

Os ensinamentos dos druidas – as tríades – eram muito profundos e encontramos neles numerosos elementos universais. Alguns pensam mesmo reconhecer neles o conhecimento védico e outros elementos orientais. Neles encontramos a influência direta do Egito e da Síria.

Não é pois de espantar que a espiritualidade dos monges demonstre tanta semelhança com a dos padres do deserto no Oriente; houve contatos recíprocos. Assim, o primeiro grande teólogo, Pelágio, resolveu viajar pela Palestina e África do Norte, onde certamente entrou em contato com a gnosis de Alexandria. César refere-se aos druidas nos seguintes termos: “os druidas fazem da imortalidade da alma a base de seu ensinamento. Eles ensinam que as almas

não desaparecem, mas passam de um corpo para outro. Eles fazem disso sua principal motivação para levar uma vida virtuosa.”

Um de seus preceitos era:

“Todo fim é um começo,
todo começo é um fim.”

Seus triplices círculos representavam o homem diante dos três mundos da cosmogonia celta:

- O círculo de *Abred* é o do caminho circular através de experiências da matéria e de sua dualidade.
- O círculo de *Gwynfyd* é o mundo do esplendor e felicidade do ser espiritual.
- O círculo de *Ceugant* é o do divino, desconhecido e imutável.

O sábio grego Hecateu de Abdera (ca. 350 a.C.) descreve a religião e a forma da sociedade da Irlanda e menciona uma antiga fé dos sacerdotes. Os mortos que estavam prontos para *Gwynfyd* (o reino espiritual) eram repelidos pela lua e atraídos pelo sol, onde permaneciam para sempre. Os que ainda não estavam prontos eram repelidos pelo sol e atraídos pela lua, de onde retornavam para a terra após uma permanência nos vales lunares ☾

Éire – independente, mágica, invencível

A Irlanda, essa paisagem sempre mutante, rodeada por uma orla de colinas e montanhas que a protegem do mar onipresente, está desde sempre envolvida em uma aura de mistério. A costa leste mostra uma paisagem de dunas vazias de belas praias desertas; a costa oeste é rude e caprichosa: é aí que enseadas e fiordes fendem altos maciços rochosos e falésias escarpadas.

Para os gregos, que a chamavam de *Hibérnia* – o país invernal nascido das ondas – essa ilha havia sido uma das principais moradas dos hiperbóreos, que foram ancestrais longínquos dos celtas. Outrora, a Éire (Irlanda) fazia parte do continente da Atlântida. De acordo com narrativas esotéricas, era “no tempo em que os citas, filhos dos hiperbóreos, povoavam essa região e, no tempo em que o arquidruída Rama, no início de sua missão, conduzia uma parte dessa população do Norte rumo ao Leste, introduzindo-a em uma nova era para o gênero humano”. Mais tarde, uma parte deles, os celtas, deixaram a Ásia central para estabelecer-se na Irlanda.

As duas ilhas, Inglaterra e Irlanda, têm em comum o nome misterioso de *insula sacra* (ilha sagrada), apesar do fato de que, durante séculos, essas “ilhas sagradas” se tivessem abalado com seus ódios recíprocos, pela inveja e por guerras sucessivas. Entretanto, às vezes, a Éire (Irlanda) é considerada o Egito do Ocidente. É bom fazer a distinção, por um lado, entre os conquistadores celtas muitas vezes violentos por causa de sua cultura rude, e, por outro lado, a cultura originária e autógena druídica mais antiga, de altíssimo nível. Nos mitos e lendas, esses mundos culturais estão mesclados. A Irlanda é um lugar em que as pedras reunidas em montões ainda oferecem o testemunho de uma civilização muito antiga. Consideradas como sendo de origem anterior aos druidas, essas pedras provavelmente foram utilizadas pelos druidas posteriormente. É comum fazer-se a associação do druidismo





A Santa Ceia.
Manuscrito da
Idade Média
produzido em
Edessa (na
antiga Síria,
atual Turquia)
que foi o berço
e o primeiro
centro do
cristianismo
aramaico

Um novo impulso irradia sobre o mundo as antigas doutrinas da libertação do divino no ser humano

aos celtas. Na realidade, os druidas têm outra origem.

Assim como o carvalho se torna fascinante pelo visgo que traz em si, do mesmo modo os druidas ofereceram aos celtas um caráter enigmático próprio, sadio e natural. Os druidas surgiram bem antes, e sua entrada em cena remonta a um culto solar muito antigo, muitas vezes chamado de “protodruídico”. O historiador grego Deodoro de Sicília (século I de nossa era) fala a respeito de um culto solar que era realizado em uma ilha do Norte. Já Plínio escreve: “[...] o país deles é aberto ao sol, com temperatura agradável e sem muito vento. Seus habitantes vivem em comunidade, em florestas e grutas onde podem venerar seus deuses com toda tranquilidade; eles não conhecem guerras nem doenças”. Aristeu, sacerdote de Apolo, descreve a Hiperbórea como “uma região lendária onde as pessoas vivem em paz, são vegetarianas, felizes e corajosas.” E, a esse respeito, é interessante observar que Heródoto diz que Apolo, o deus solar, é proveniente de Hibérnia, o país do inverno, onde se encontraria o Monte Meru, o centro do mundo, local onde nosso mundo e o outro se encontram.

PRIMÍCIAS Durante mais tempo do que em qualquer outro lugar na Europa, e por diversas razões, o druidismo prosperou na Irlanda, essa ilha mágica que compreende a Britânia (Grã-Bretanha) e a Irlanda. Foi quase imperceptivelmente que o druidismo se mesclou ao cristianismo nativo, que atingiu muito rapidamente a Irlanda. É bastante difícil explicar a rápida propagação

dessa nova religião sem o auxílio e a sustentação dos próprios druidas. Eles esperavam Jesu e Cristo como a Luz do Mundo. A luz que, provinda do sol espiritual, iria permitir que a Terra pudesse ser religada ao princípio divino cósmico e permitir que o homem terrestre pudesse ser religado a seu protótipo divino.

Tertuliano faz menção de um “povo que não foi conquistado pelos romanos, mas, que, no entanto, se submeteu a Cristo”. Em 560, Gildas, um historiador inglês, fala de uma “ilha distanciada do mundo e do sol visível, onde os habitantes haviam recebido os raios de luz, as santas prescrições de Cristo, o autêntico sol”.

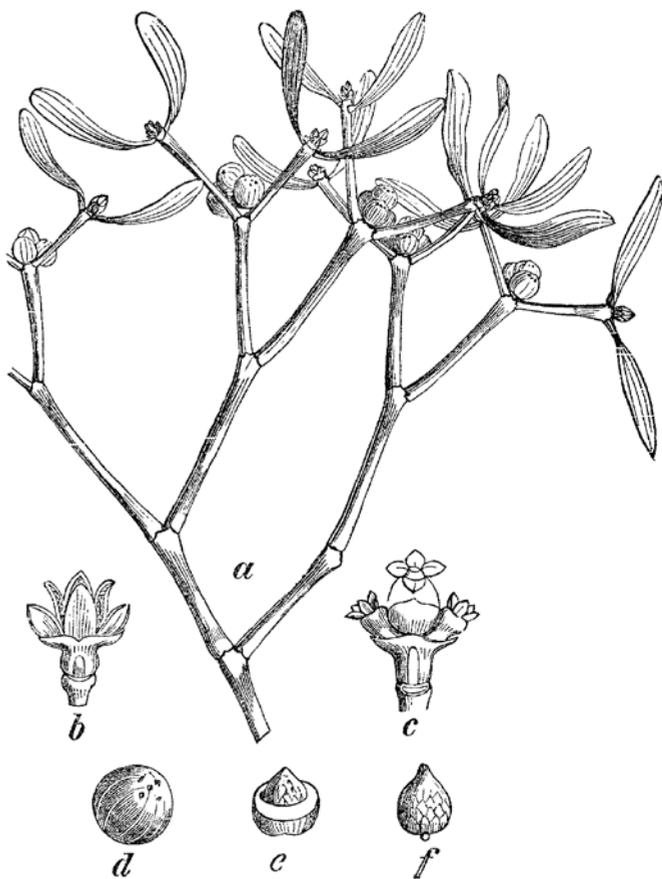
Inúmeros autores confirmaram que José de Arimateia e seus onze companheiros, que haviam chegado a Avalon no ano 38 de nossa era, em um espaço mínimo de tempo trouxeram novos ensinamentos libertadores à corte da Silúria. É preciso insistir fortemente no fato de que, nessa época, não se tratava absolutamente do mundo da religião cristã, mas somente de um novo impulso que era carregado de uma energia cósmica totalmente nova e que irradiava sobre o mundo o novo ensinamento da liberação do divino no ser humano. Essa é a verdadeira história do acontecimento do Gólgota.

No ano 38, José de Arimateia, um comerciante de estanho originário de Mármore (no Egito), dá a conhecer o novo ensinamento ao glorioso rei de Llyr (o mesmo rei Lear da tragédia de Shakespeare). Foi esse rei que fez construir em Llandaff (País de Gales) o primeiro templo cristão! Os antigos anais mencionam que os que

reïnham na Silúria lhe ofereceram 12 “hydes” de terra (ou seja, 600 hectares) em uma “ilha real” onde, mais tarde, surgiu Glastonbury.

O que ainda é mais notável é que o filho de Llyr, Bran, recebe a alcunha de “Abençoado”. Bran e seu filho, Caradog, abraçam a nova religião da Luz, deixam-se batizar e declaram todo o seu reino como domínio cristão. Um dos manuscritos harleianos confirma esse fato: “Na Britânia, o cristianismo começou antes do ano 50 de nossa era com Bran e Caradog”. Como consequência, a Cornuália e o País de Gales – que eram, na época, a Silúria – constituíram o primeiro reinado cristão do mundo.

A poderosa Roma do primeiro século curvou-se ao decreto de Cláudio que visava a erradicar qualquer traço de cristianismo e druidismo da Britânia. Mas, nem mesmo quatro generais que se sucederam conseguiram realizar esse intento. E, em meio a um armistício de seis meses, Caradog foi convidado a ir a Roma para parlamentar. A irmã de Caradog casa-se com o general romano Pláutius e fica em Roma com seu pai Bran e seu avô Llyr, como reféns. Alguns anos depois de sua volta às “Ilhas de Cobre”, Caradog é vencido por traição. Os romanos arrastam-no em triunfo por toda Roma, que treme diante dos celtas britânicos, que jamais haviam sido vencidos. Ora, por um incrível gesto de benevolência, que Tácito narra em seus *Anais*, Cláudio agracia-os e deixa-os viver. Eles passam sete anos no exílio em uma casa que, até nossos dias, é conhecida como “Palácio Britânico”, onde recebem inúmeras



Ramo de visgo ou *viscum album*

ros fugitivos da Judeia. Eles foram as primeiras e mais eminentes pessoas a estabelecer, por sua conduta, a religião libertadora de Jesus, o Senhor. No coração de milhares de buscadores do mundo antigo, eles acenderam o grande anseio por uma nova vida na esfera solar de Cristo. Quando por volta do ano 58 eles voltam para casa, Lino e Cláudia, dois de seus filhos, continuam em Roma para consagrarem-se à nova comunidade local. Os outros filhos os acompanham.

A grande aversão que a heroica comunidade druídico-cristã sentia pelo império romano não diferia em nada da aversão de Henrique VIII e de Elizabeth I pela influência romano-espanhola no interior da igreja inglesa. É ainda o mesmo espírito de independência britânica que, durante a Batalha da Inglaterra, na Segunda Guerra Mundial, permitiu a reviravolta da situação ♣

um autêntico cavaleiro

A conquista do Graal é a procura que cada um precisa efetuar dentro de si mesmo. Ninguém está livre de orgulho nem de impaciência. O mistério do Graal é, no final das contas, o mistério do sangue.





Saint-Guilhem-le-Désert, no sul da França

Assim conta a lenda: “O sábio mostra sempre a Artur que em cada raça, em cada reino, em cada mundo, o homem se encontra prisioneiro entre o céu e a terra, entre luz e trevas.

Um dia, o jovem Artur pergunta: ‘O que é o Graal?’

‘Um vaso ou taça cheia de sangue do crucificado!’

E o sábio lhe conta que esse vaso, esse símbolo, se encontra neste mundo, nesta época! Muitos o buscaram. Eles sabem que a posse dele, e até mesmo o simples fato de vê-lo, concede saúde e vida eternas, e que ele é a chave que abre os segredos da vida.

‘É verdade que a busca do Graal corresponde à tentativa de encontrar outra vida, uma vida superior?’

‘Não, ele é o sentido da vida, a única coisa que dá conteúdo à vida’, responde o sábio”.

PECADO E INOCÊNCIA O rei Artur está estreitamente ligado à lenda do Graal. Nós, ocidentais, baseamo-nos na ideia de que o Graal tem sua origem na cavalaria da Idade Média, que veio após a queda do império romano. É com base nas lendas do rei Artur que conhecemos os cavaleiros da Távola Redonda e a luta de Artur contra o filho proveniente de sua união com a fada Morgana. Mordred também cobiça Morgana, e estorva a obra do pai. Artur o mata depois de um difícil combate, mas sai mortalmente ferido. Sofrendo muito, foge de navio e desaparece nas brumas de Avalon. A tradição

Quem estudava nessa escola? Nobres, jovens ricos dos castelos, filhos e filhas das fortalezas do alto das montanhas, como outrora muitos dos jovens promissores estudavam em inúmeras escolas druídicas na Gália e na Bretanha

diz que esse grande rei da Inglaterra não morreu, mas sim que está adormecido e que, quando seu reino for restabelecido, ele virá como rei do Graal e reinará como um príncipe da paz. Seria o caso de uma espécie de incesto? Para responder, vamos basear-nos em todos os aspectos que existem no interior do próprio ser humano, como faz J. van Rijckenborgh, fundador do Lectorium Rosicrucianum.

Em Artur, reconhecemos o espírito, o microcosmo, o rei. A fada Morgana é a alma, sempre dependente de quem a comande, de quem lhe dê direcionamento, e Mordred é uma das forças da personalidade que deseja ganhar sempre tudo, visando aos próprios objetivos. Esta é a traição que sempre acontece e cujas consequências são bem conhecidas; é a mesma traição de Judas. Tudo isso acontece no interior do ser humano, e, sob esse ponto de vista, não há homem sem pecado. A lenda do Graal trata do problema da culpabilidade e da inocência.

Conhecemos a maravilhosa lenda da conquista do Graal realizada por Gawain, Galaad e Percival (Parsifal). Sua origem é ainda mais antiga. Conhecemos uma fonte que é a história de Perseu a respeito do mesmo assunto. No *Roman du Graal*, de Chrétien de Troyes, um jovem louco chega a um castelo e, contra as regras da corte, aborda diretamente o rei para perguntar-lhe o que seria preciso fazer para tornar-se um valeroso cavaleiro – leia-se: um homem valoroso. “Encontra a taça que contém o segredo da eterna juventude e da única vida”, respondeu ele. Às vezes não se trata de um recipiente

qualquer, mas de uma pérola preciosa – como na história contada por Mani e recolhida pelo apóstolo Tomé:

“Desperta e levanta-te do sono,
e escuta as palavras de nossa carta!
Considera que és filho de rei!
Em que escravidão decaíste?
Lembra-te da pérola,
por cuja causa foste enviado ao Egito.
Lembra-te de tua veste radiante
e do manto dourado com os quais
novamente deves ser adornado...”

O BERÇO DO GRAAL Mas o Graal não vem da Inglaterra. Os historiadores dizem que existia na Occitânia, no século VI, um reinado que tinha o Graal em alta conta. Essa região se estendia do sul da França até os Pirineus, no nordeste da Espanha. Os condados de Razès, de Barcelona e de Tolosa, assim como o ducado da Aquitânia faziam parte dessa região. É aí que se encontra o berço do Graal, a base do catarismo.

Em Saint Guilhem-le-Désert, ou Gellone, como se chamava na época esse lugar ao norte da cidade de Montpellier, havia, então, uma universidade dedicada ao estudo das religiões, que conservava, ao lado da mística judaica e das influências árabes, os mistérios do Graal. No início da Idade Média, tanto na França como na Espanha, havia escolas diferenciadas. Em Saint-Guilhem-le-Désert, essa escola logo se transformou, naturalmente, em um mosteiro



onde se encontrava, na época, uma célebre e impressionante biblioteca para eruditos. Nessa cidade, na época de Carlos Magno, prosperava o culto de Maria Madalena. É aí que se encontram os primeiros vestígios de Percival. Quem estudava nessa escola? Nobres, jovens ricos dos castelos, filhos e filhas das fortalezas do alto das montanhas, como outrora muitos dos jovens promissores estudavam em inúmeras escolas druídicas na Gália e na Bretanha. Era aí que estudavam também os que cantavam o amor cortês – os trovadores, cantores e contadores da saga do Graal. E é assim que a história de Percival foi transmitida de geração em geração até que, depois de muitos séculos, foi transcrita por Chrétien de Troyes e por Wolfram von Eschenbach. Eles foram os primeiros a redigir essa história livre de censura.

Vejamos um fragmento da lenda, segundo Wolfram von Eschenbach:

“O jovem Parsifal, que jamais estivera sozinho tão longe de sua corte protetora, segue caminho, ainda intocado pelo mundo, numa veste de bobo na qual o enfiara a mãe. Esta pensava que um jovem tolo e ingênuo se safaria de um mundo cheio de crueldade, que o trataria com um escárnio indulgente.”

“Um verdadeiro cavaleiro é servidor, misericordioso e não julga homem algum, diga ele o que disser ou faça ele o que fizer [...] pois nenhum homem se fez por si mesmo [...]” Que comportamento pouco usual! Ora, é justamente no começo que a inocência protege o verdadeiro buscador. Quando ele parte, sua primeira vítima morre de tristeza: Herzeloide, sua própria mãe. Então, surge uma indagação: mas onde está a inocência?

Vejamos uma citação de Eschenbach:

“Como o Graal chegou a essa região?” Essa foi a pergunta feita ao Rei Pescador, o rei do Graal. E o rei responde: ‘Quando Jesus foi crucificado, José de Arimateia e Nicodemos retiraram-no da cruz. Um pouco depois, José foi atirado em um calabouço sombrio, onde o deixaram para morrer de fome e miséria. Aí ele ficou 40 anos sem beber nem comer.

Mas o Senhor e Salvador lhe enviava o Santo Graal todos os dias, duas ou três vezes, a fim de que o servisse com um alimento que era mais magnífico do que o maná do céu. E enquanto José ficou prisioneiro, não passou sofrimento nem dificuldade, graças ao Graal e à sua santidade. Quando Tito e Vespasiano

O cavalo é o arquétipo do estado de alma, que, no entanto, sem a forte condução do homem-espírito, pode andar sem rumo

invadiram a Judeia, libertaram José da prisão e levaram-no para Roma. José levou consigo sua preciosa lança, e depois Deus, em sua benevolência, lhe concedeu a posse do Graal’.

Algum tempo depois, quando os discípulos de Jesus se dispersaram, José e Maria Madalena foram para essa região (a Occitânia). Eles desembarcaram em Massilia, atual Marselha.

O Rei Pescador, o rei do Graal, continua sua narrativa: ‘José constituiu essa cavalaria e tornou-se rei dessa região: eu pertencço à sua linhagem e descendência. Quando ele entregou a alma a Deus, conservaram-se as preciosas relíquias: a taça, o Graal, a lança. Em seguida, elas não desapareceram mais e, com a ajuda de Deus, continuarão em seus lugares’.

Quando o Rei Pescador morreu, Parsifal tomou seu lugar. O rei Artur assistiu à festa de seu casamento. E foi o Graal que serviu e revigorou as pessoas que estavam presentes”.

IMPRUDENTE E INQUIETO Em seguida começa a busca de Parsifal. Mas o que buscava ele? Buscava Deus e procurava servi-lo. Era a respeito dessas qualidades que Herzeloide lhe havia falado. Mas, onde buscá-lo? Novamente, parece que as forças do sangue humano servem à empreitada de quem está em busca do Graal. É que o sangue conduz ao conflito, mas também ao amor. O espírito da verdade sopra através das histórias sobre a busca do Graal porque, ao invés de rejeitar a natureza, eles dão a ela o lugar que lhe pertence. Nem a fraqueza é recusada. Essas histórias nos contam que Parsifal é

um buscador temerário que não fica em nenhum lugar, pois é impulsionado de inúmeras maneiras pelas forças do sangue. Condwiramur mora em um castelo, e Parsifal é um cavaleiro errante que deixa que seu cavalo faça a escolha do caminho. O cavalo é o arquétipo do estado de alma, que, no entanto, sem a forte condução do homem-espírito, pode andar sem rumo. O caminho do Graal é muito longo! E, no entanto, ele ainda nem foi iniciado!

Mas, o que é o Graal? Na gruta, Trevrizent lhe ensina um pouco mais a respeito:

“O Graal é o símbolo de uma pedra do céu, o *lapis ex coelis*.

Entende o que ele oferece como alimento ao cavaleiro corajoso:

Ele vive de uma pedra,
e sua nobreza precisa ser tal como uma rocha.
Ela ainda não é conhecida.
Seu nome te será dado aqui.

Ela se chama *lapis exilis*.

Sua força abrasa a fênix, que, quando estiver em cinzas,
rejuvenescerá e planará em uma claridade resplandecente.

A fênix agitará as plumas
e irá ao encontro de um brilho luminoso
até tornar-se mais bonita que nunca.

Se alguém sentir dor,
não morrerá no dia em que contemplar a pedra,
nem na semana seguinte.

Ele não será desfigurado:

sua cor continuará clara e pura,



se contemplar a pedra dia após dia,
como nos bons velhos tempos de outrora,
tão jovem como um rapaz ou uma donzela.
Se contemplar a pedra por duzentos anos,
seus cabelos não ficarão grisalhos.
A pedra dá força ao ser humano,
torna a carne e os ossos jovens.
Essa pedra chama-se Graal”.

**Faleiro celta (peça de arreio) ou
ornamento de peitoral de guerreiro:
ancestral das nossas medalhas. Este
exemplar foi encontrado em Manerbio
sul Mella, ao norte da Itália e remonta
ao século I a.C.**

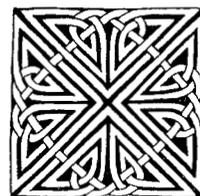
Quem possui uma pedra como essa, quem dessa forma é rei, sabe por tudo isso que é invencível. Portanto, Amfortas – o rei do Graal – e nós o consideramos como a plenitude da grandeza, como o protótipo do homem original – está sofrendo, e nenhum remédio, planta ou pedra podem curá-lo. Somente uma pergunta feita por amor no local exato e na hora certa sanará a impureza, o golpe da lança pagã, e restaurará energia criadora perdida, porque essa é a doença do rei.

Isso pode originar a seguinte questão: “Por que o rei do Graal é obrigado a sofrer?” Eis o segredo: de Ísis, a Mãe dos Vivos, provém eternamente – o filho, a força da gênese. É o Espírito, Deus, o Inefável, que cria os mundos originais e o Manas original. E aqui, neste mundo da experiência, consideramos esta vida como evidente e a vivemos, utilizando-a e reutilizando-a sem parar, sem nenhum sentimento de responsabilidade. Fazemos mau uso dela e até a destruímos! Amfortas está sofrendo, exatamente como sofremos a morte, a morte da luz. Ele já não consegue criar, e é somente um jovem inocente como Parsifal que poderá salvar o rei, se souber fazer a pergunta a ele. Ele é como João, que prepara as veredas para aquele que há de vir.

NOVAS VIRTUDES O mistério do Graal é, enfim, o mistério do sangue, e da transfiguração do sangue. Novas virtudes, qualidades do homem alma-espírito, são liberadas no ser humano que se alimenta do Graal. Então, den-

tro dele, um ser completamente diferente, de elevada origem espiritual, transforma sua vida dando-lhe cor, brilho e significado completamente novos. Assim diz a lenda: “É Parsifal que, inocente mas corajosamente – notável paradoxo! – faz a pergunta e acaba conquistando a vitória. Em dado momento ele se encontra com outro cavaleiro, Galaad, perfeitamente em harmonia com a luz que provém do Graal. Então, no meio da floresta, em um momento mágico, o céu se abre, e seu brilho e sua luz formam uma ponte em direção à região inacessível dos verdadeiramente vivos. Parsifal fica extremamente emocionado, do âmage do coração: ele bem que ofereceu sua vida, mas é Galaad, o homem-espírito, que atravessa a ponte. E assim é dito que o Graal já não se encontra no mundo material. Parsifal, guardião do castelo do Graal na fronteira das duas regiões, permanece agora na espera: ele é um ser da fronteira, que mora neste mundo para dar testemunho da luz ✨

joão escoto, um livre-pensador

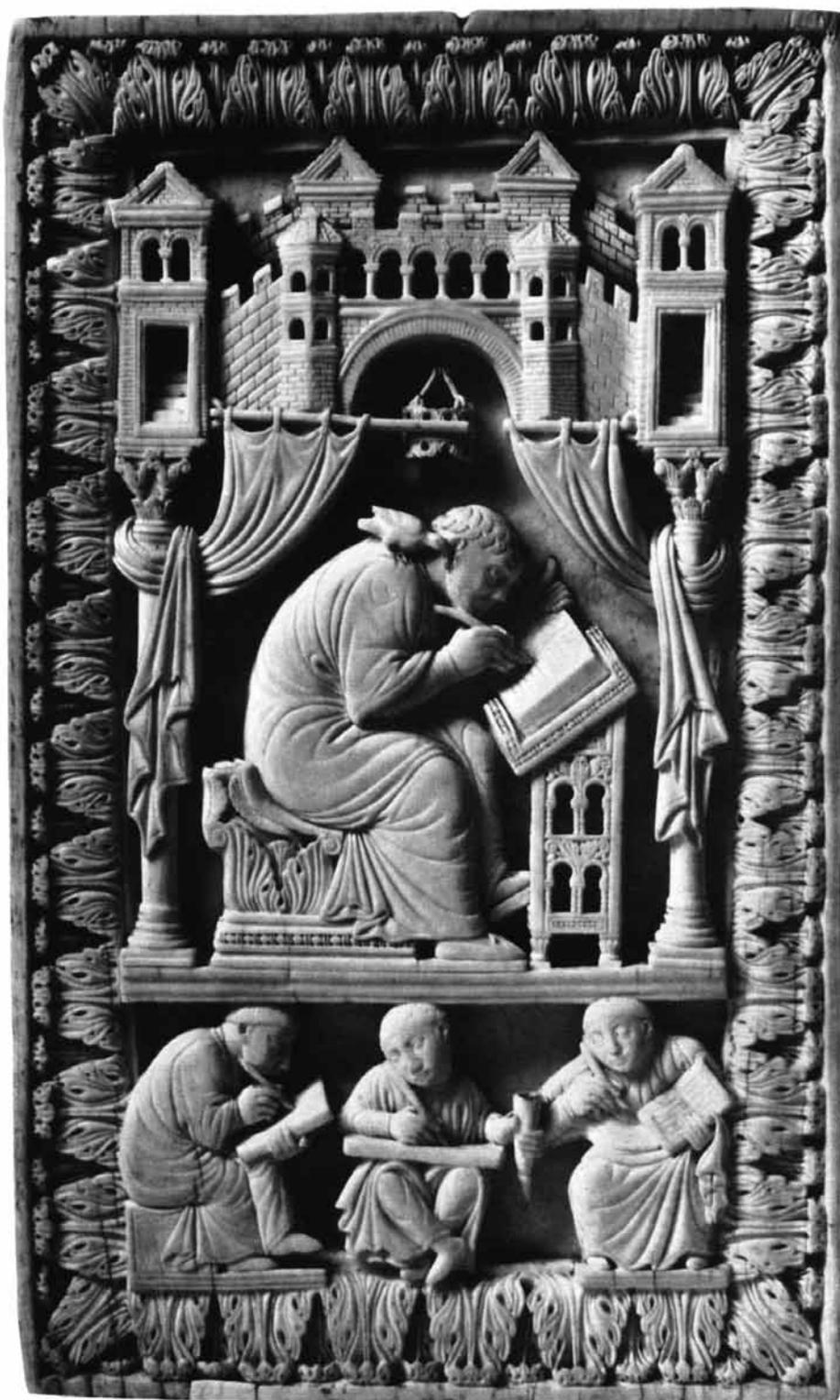


Quando a Europa já se encontrava na sombria Idade Média, João Escoto Erígena (810-877) lançava seu apelo solitário em um deserto espiritual cada vez mais árido. Apelidado Erígena, ele seria apontado como “o último universalista cristão”. Seu nome já trai sua origem irlandesa: Escoto (ou Scottus) significa “da terra dos scots” (ou seja, a Irlanda); e Erígena significa “originário da Éire, da Irlanda”.

Essa origem explica certamente em parte a intrepidez de sua abordagem da realidade, uma realidade que decorre da unidade que envolve todas as coisas. O pouco que podemos saber a respeito dele ilustra perfeitamente o destino com que se deparam os que querem fazer brilhar um pouco da luz da sabedoria divina na tenebrosa noite terrestre. Apesar de encontrarmos poucos vestígios de sua obra nos séculos seguintes (no século XIII o papa ordena que seja queimado o que restou de seus escritos), sua influência sobre os pensadores que o sucederam é inegável. O fato de Erígena ser um dos raros a dominar a língua grega já é suspeito. Onde ele a teria aprendido? Quem o instruiu nessa matéria? Isso continua sendo um enigma. Ele traduz e, a partir daí, conserva para nós *As hierarquias celestes*, obra de prodigiosa riqueza. Sem esse conhecimento fundamental, *A divina comédia* de Dante certamente não teria sido publicada. Assim, ele formou uma ponte para a sabedoria dos antigos mistérios em uma época em que sua força já não fazia efeito, e quando os novos impulsos ainda não tinham tomado forma. Essa sabedoria corria o risco de ficar perdida para toda a Europa.

UM PENSADOR LIVRE E INDEPENDENTE João Escoto Erígena foi especialmente designado para essa tarefa porque o espírito irlandês, livre e independente por seu passado druídico sabia, de modo puramente intuitivo, que o divino era uma realidade inexprimível. Não podemos re-

almente descrevê-lo: podemos apenas indicar o que ele não é. Faltam-nos as palavras, e as descrições somente conseguem dizer o que Deus não é. Também é impossível descrever a parte do divino sublime que se encontra no interior do ser humano, em sua essência não conectada, infinita e absolutamente inatingível e intocada. Escoto surpreende por seu julgamento equilibrado: o rei carolíngio Carlos II, o Calvo (823-877), chama-o e instala-o como reitor da escola palatina de Paris. É aí que ele servirá como mediador de uma discussão sobre a predestinação divina, sequela de um velho conflito teológico entre Agostinho e outro “herege” irlandês, Pelágio (360-418?), que se opunha à interpretação da doutrina do pecado original de Agostinho. Mas Erígena também não pode imaginar senão que o homem é um ser predestinado unicamente à liberdade e à santidade. Ele também é singularmente moderno! O homem, diz ele, é um microcosmo do grande universo. Nele estão ativos os sentidos naturais, mas, com sua razão, ele pode examinar as causas e os fenômenos da natureza. Daí decorre que o homem não é somente um ser da natureza: dentro dele existe também uma parcela divina. A parte que está “apartada de Deus”, que é “pecadora” pertence ao mundo natural. Mas o divino em seu interior fará com que ele, por graça, retorne ao divino. A isso ele chama de “retorno de todos os seres vivos”. Afinal, diz ele, o que provém de Deus um dia retornará a ele. Essa é a fórmula dos rosa-cruzes clássicos: *Omnia ab uno, omnia ad*



Placa de marfim esculpido, mostrando o erudito Gregório rodeado de escribas.

“Caso não se tivesse desviado, o homem não precisaria das Escrituras”, ousou afirmar João Escoto Erígena

unum (Tudo veio do uno, tudo voltará ao uno). Isso foi suficiente para que, em 853, seus adversários condenassem seu pensamento como *pultes scottorum*, que significa: sopa empapada irlandesa. Mas o que é ainda mais inquietante para as autoridades eclesiásticas é que Erígena não vê nenhuma contradição entre a razão do ser humano e o que as Escrituras ensinam. “Não permitas que autoridade alguma te coloque em dúvida nem que te desvie da convicção que podes adquirir por meio de uma conduta correta e racional. A verdadeira autoridade jamais se opõe à razão correta, assim como a razão jamais contradiz a verdadeira autoridade. Tanto uma quanto a outra provém incontestavelmente da mesma fonte: a sabedoria divina.”

Como um dos últimos de sua época, ele ainda está mais próximo da ideia de que a razão divina é uma parte do homem. Assim, coloca à prova toda e qualquer doutrina com base nessa elevada razão. Mais radicalmente ainda, ousa afirmar que, caso não se tivesse apartado de Deus, o homem não teria sequer necessidade das Escrituras! É a ele que foi dada a missão de desvelar o significado oculto dessas Escrituras, o que somente poderia ser feito pela pura percepção do coração – e, portanto, do Espírito.

PERIPHYSEON Sua obra principal, *De divisione naturæ* (A divisão da natureza), também intitulada *Periphyseon*, é uma tentativa de estabelecer uma grandiosa cosmogonia visionária. Essa obra não é aprovada pelos olhos das autoridades religiosas e é fácil de compreender o

porquê. Essas autoridades não podiam admitir que o irlandês pudesse apagar toda e qualquer diferença entre a natureza divina e a natureza humana. De acordo com Erígena, há uma única natureza que engloba tudo e no interior da qual estão contidos Deus e o homem, todas as coisas, o ser e o não ser. Entretanto, Deus ultrapassa toda distinção entre o ser e o não ser. Ele não é o criador do mundo visível. É dele que provêm as ideias divinas (como diz também Platão). São elas que buscam uma forma material a fim de expressar-se e, assim, evoluir.

A filosofia da salvação de Erígena corresponde, em muitos aspectos, à sabedoria dos antigos gregos. Ele também traça detalhadamente o percurso do desenvolvimento humano tal como ele pode ser vivenciado. O caminho que leva ao tornar-se Um (*henosis*) ou ao tornar-se Deus (*theosis*) – o caminho do não ser ao ser. Ele compara esse processo de modo muito concreto ao ferro que, na forja, se torna uno

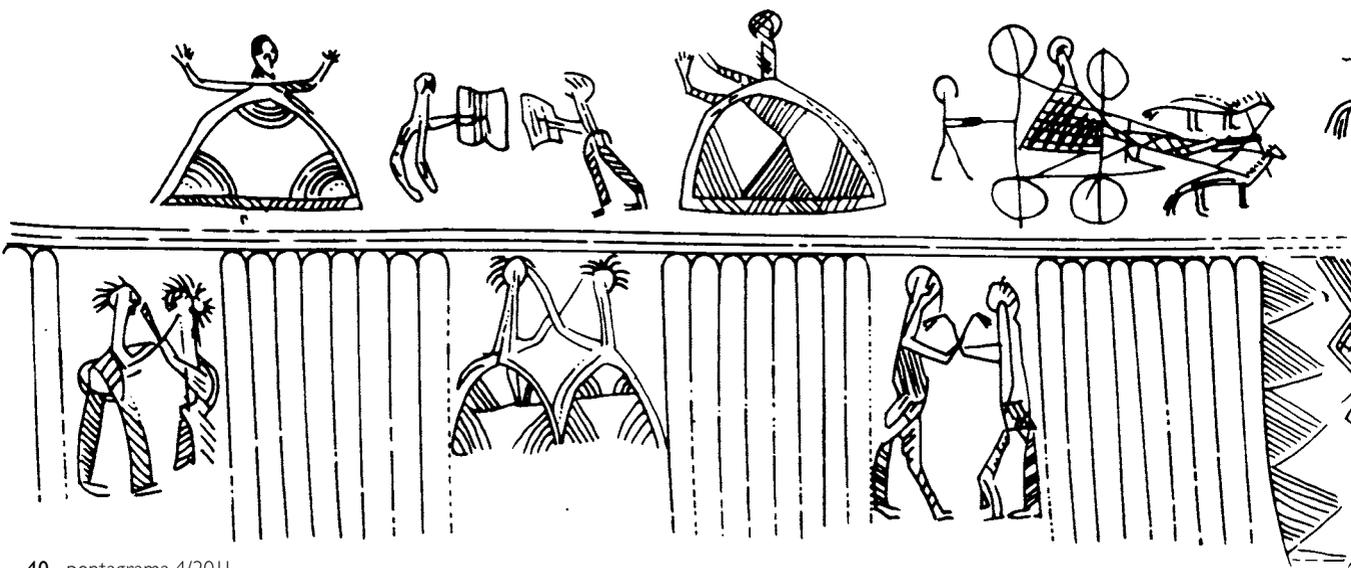
Mulher e homem Segundo o conceito de Erígena, o homem e a mulher são semelhantes. “O ser humano é mais do que seu sexo”, afirmava Erígena, que sabia ser a diferença entre os sexos uma consequência da queda e que ela serve para outras finalidades. A verdadeira queda é a queda espiritual, do pensador espiritual divino (manas) no mundo dos sentidos, atraído por essa região fascinante onde o intelecto pode tomar forma e ele parece ser semelhante a seu criador. Erígena via essas coisas confirmadas na linguagem sagrada: “Não há homem nem mulher em Cristo Jesus”.

Pelágio Outro irlandês, Pelágio, que viveu 400 anos antes de Erígena, foi considerado como um dos grandes intelectuais de seu tempo. É uma pena que sua vida tenha sido totalmente reduzida ao debate teológico que ele levou contra Agostinho, precisamente sobre o conceito do pecado original. Para Pelágio, a liberdade da vontade humana é o ponto essencial. Ele refuta o conceito de pecado original. Segundo ele, as crianças nascem inocentes. O que é importante para o homem é que ele possa levar uma vida boa, excelente, pois ele pode participar da natureza divina. Em um dos escritos originais que restaram de Pelágio, *Carta a Demétria*, ele afirma: "Na liberdade com relação ao bem e ao mal existe a excelência da alma dotada de razão. (...) Assim, os melhores adquirem louvores e recompensa, e não haveria nenhuma virtude em quem continua firme se não tivesse podido ceder ao mal". E mais adiante, nessa mesma carta, ele escreve: "Deus deu como propriedade ao homem ser o que ele quiser, sendo capaz de fazer o bem e o mal, ambos naturalmente para que possa focar em um dos dois. Ele nos deu a capacidade de fazer o mal apenas para que possamos realizar a nossa vontade. O fato de podermos até fazer o mal é, portanto, algo bom. Ele faz de tal modo que o homem cumpra o bem não por ter sido compelido a isso, mas por livre vontade.' constringedor, mas voluntariamente."

atingir as coisas que são atemporais, que estão fora do mundo físico material. O que nasce pela reprodução e se corrompe, como a matéria, o espaço e o tempo, não existe de fato, de modo algum, no sentido absoluto. Assim, o processo de mudança interior oferece a perspectiva de um retorno total, uma reversão para Deus, graças ao qual Deus será tudo em todos.

SOT OU SCOT? Durante toda a sua vida Erígena se sentiu sustentado por seu protetor: Carlos, o Calvo, até que, por causa das inúmeras condenações, uma ruptura acontece entre eles. De acordo com uma anedota francesa que parece uma lenda, os dois estavam sentados à mesa, um em frente ao outro. Carlos perguntou a Erígena: "O que mais pode separar um tolo (*sot*

com o fogo. É desse modo que a criatura se transforma em Deus. É também o caminho do pensamento abstrato. Com efeito, o pensamento abstrato, que é propriedade da alma, pode

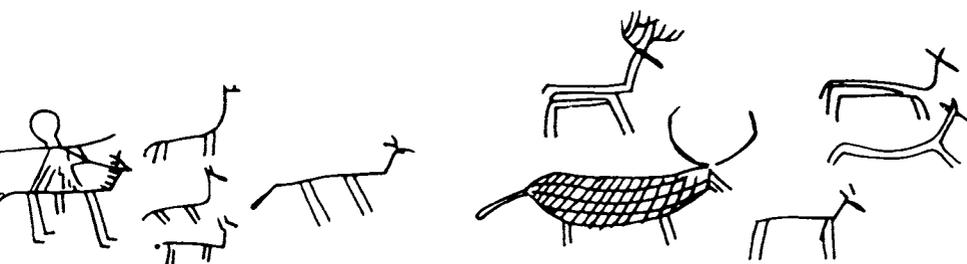


em francês) de um scot (irlandês)?” E a resposta lacônica foi simplesmente: “Uma mesa”. Não é de se espantar que a intrepidez de sua conduta e de suas opiniões se tenha tornado fatal! No final de sua vida, Carlos, o Calvo, enviou-o a Oxford para dar aulas. Conta-se que um de seus alunos tentou assassiná-lo. Esse fato esboçou um fim sem glória para sua vida.

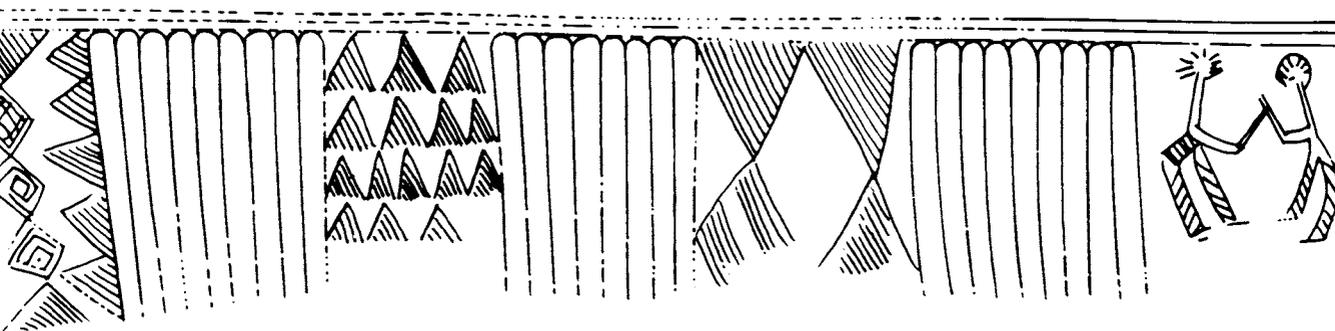
Enquanto no continente europeu a teologia escolástica de Tomás de Aquino tentava aproximar Deus somente pela razão e atingia seu apogeu, a influência de Erígena foi perdendo a cor – ele que sempre sustentou que somente Deus pode abraçar o que é divino. De qualquer modo, homens como Mestre Eckhart tiveram a maior admiração por ele, assim como Nicolau de Cusa, que o considera seu inspirador. Em

Pensamento profundo de Erígena “A grandeza do homem não reside em sua semelhança com o mundo criado, mas precisamente no fato de que ele foi criado à imagem do criador dessa natureza.” Assim, ele demonstra de modo muito claro a dupla natureza do homem e expressa o axioma gnóstico: “É por certa divisão estranha e no entanto concebível que o homem se encontra dividido em dois. Existe uma parte que foi criada à imagem e semelhança do Criador. Essa não tem nada em comum com a animalidade [...] enquanto que, na outra metade, ele participa da natureza animal e é o produto da terra, o que quer dizer: da natureza comum a todas as coisas. Em sua essência mais profunda, a natureza humana é tão incognoscível e infinita quanto a natureza divina. Esta última não é determinada pelas circunstâncias (por mais que ela pudesse parecer ser). Nunca qualquer distinção entre Deus e homem referiu-se à sua essência! Isso não passa de uma consequência de circunstâncias: foi construído em volta de sua essência e é o produto da ignorância, do pecado. De fato, assim como Deus é infinito e ilimitado, assim também é a natureza humana: aberta a infinitas possibilidades e à perfeição.”

uma reedição da obra mais importante de João Escoto se lê o seguinte: “A imagem desse grande gênio merece seu lugar ao lado de Dante, de Bonaventura e de Jacob Boehme”. É como um eco da nova vida que abre caminho até nós, a partir de uma época e de uma cultura que, como as nossas atualmente, se encontravam em extrema confusão ☘



Motivos decorativos celtas ornando um vaso encontrado em Sopron-Burgstall, Hungria, datado do século VII a.C.



o graal da luz

Quase todas as versões das lendas da Távola Redonda do rei Artur e do Graal, na Idade Média, têm lugar na França e na Grã-Bretanha e trazem a marca do cristianismo e da Igreja. A arte dos contos celtas, que se expressa nos contos sobre o rei Artur e o Graal, influenciou muito a literatura da Europa ocidental.

Nos antigos mitos e contos celtas um caldeirão ou vaso mágico muitas vezes representa um papel importante. Os celtas acreditavam firmemente que esses caldeirões eram de origem divina e que os deuses neles misturavam os elementos criadores da vida. Se um homem mortal bebesse dessa mistura tomaria parte do conhecimento libertador e se transformaria de ser mortal em ser imortal. O *Kalevala*, a epopeia nacional finlandesa, enaltece o *sampo* (recipiente, escudo ou eixo do mundo), enquanto que, para Platão e Hermes, trata-se de uma cratera (vaso em forma de taça com duas alças). Na tradição védica o caldeirão é a fonte do *soma*, o alimento da imortalidade. O conteúdo inesgotável desses recipientes somente é apropriado aos iniciados, assim enfatizam os contos celtas. “Nele não se pode cozinhar alimento para covardes”, assim está escrito no canto intitulado *Preiddeu Annwfn* (O butim de Annwfn), um conto do livro do bardo Taliesin. O caldeirão exerce uma tal ação que dá ou toma a vida, pois em mãos erradas ele não traz felicidade, mas sim infelicidade. O herói deverá mostrar-se um combatente corajoso, antes de ter acesso à imortalidade.

MABINOGION Em outro conto celta o caldeirão pertence a Ceridwen, a principal deusa do ciclo das lendas do *Mabinogion*, uma coleção de textos da Idade Média do País de Gales. Ceridwen parece corresponder à Sophia gnóstica, a mãe primordial. Ela é a esposa de

Hu Gadarn, a luz, o sol, mas que está separada dele. Podemos considerá-la como um campo energético. Ela é a natureza que gera todas as formas, a fim de que elas mudem, transformem-se!

Ceridwen coloca em seu caldeirão uma mistura de pura sabedoria e conhecimento que deve cozer durante um ano e um dia.

Gwion Bach (Taliesin) recebe a tarefa de mexer a mistura, e três gotas lhe caem sobre os dedos; ao colocar a mão queimada na boca, ele torna-se subitamente onisciente. Isso desperta a ira de Ceridwen, que quer matá-lo. Como ela o persegue, Gwion é obrigado a transformar-se em diferentes animais como uma lebre, um peixe ou um pássaro. Finalmente ele se transforma em um grão, e Ceridwen, que se transformara em galinha, devora-o. Nove meses depois Ceridwen dá à luz uma criança que vem a ser o célebre bardo Taliesin.

Nós podemos interpretar essas três gotas como forças de toque, mudança e realização. O jovem Gwion assimila as três forças de Ceridwen, tornando-se o devir, a mudança, o renascimento; trata-se de um caminho através dos quatro elementos: ar, terra, fogo e água, dos quais o ser humano é composto. Mas, finalmente, essas experiências parecem ser infrutíferas. Gwion parece perdido em uma espécie de extravio, de não ser. No entanto, é apenas assim que ele pode satisfazer as condições do campo energético em que ele segue seu caminho: são as três ener-



AS ANTIGAS LENDAS DO GRAAL NA TRADIÇÃO CELTA



gias ocultas na mistura do caldeirão. Todas as experiências de Gwion estão concentradas no grão que Ceridwen, a natureza primordial, novamente assimila, e Gwion renasce no novo homem: Taliesin, o cantor da Luz. Taliesin, pela sua coragem, restabelece sua

As pedras do Anel de Brodgar, nas Ilhas Orkney, são os vestígios de um complexo arquitetônico onde, se supõe, os sábios e os astrônomos se reuniam para estudar o cosmo e cumprir os rituais mágicos correspondentes. Sobre toda a Grã-Bretanha e a Bretanha se estendia uma rede de “caminhos fixos” que interligavam os “lugares sagrados” neolíticos. © Marco Francelino

A lenda do Graal, essa taça radiante de luz, é muito antiga. Os sufis já a conheciam sob a forma de uma taça de vinho que provocava embriaguez espiritual em quem dela bebia, no sentido de completo êxtase espiritual, que conferia a perfeita compreensão e unia assim o homem à Gnosis.

O primeiro a transmitir esses valores espirituais, dissimulados sob uma vestimenta poética, foi Omar Khayyam, que viveu nos séculos XI e XII (1048-1122).

Os cruzados transmitiram o conhecimento secreto da taça para a Europa e identificaram o Graal com o cálice utilizado por Jesus na Santa Ceia. A procura da Arca da Aliança, muito popular na época, transformou-se na busca do Graal. Podemos nisso ver também uma analogia com o país que foi perdido pelos cruzados: na lenda do Graal, esse país secreto é evocado como um reino devastado. Somente a reedificação do Templo de Jerusalém, que seria possível se os Templários alcançassem a vitória, poderia restabelecer em sua plena glória o reino perdido. Esse combate explica igualmente a força persistente das lendas do Graal do século XII. Em 1197 Wolfram von Eschenbach descreve os cavaleiros da Távola Redonda como Templários. Pode-se supor que a lenda da descoberta do Graal por Artur na Abadia de Glastonbury (em 1190) tenha alcançado a França por intermédio de famílias nobres.

ligação com Hu Gadarn, seu pai, e vence Ceridwen, dando testemunho disso como bardo no mundo dos homens.

BRAN, A VOZ DOS ORÁCULOS Bran Fendigaid, o Abençoado, é filho do deus do mar Llyr e neto, por parte de mãe, de Belenos, o deus do sol. Bran casa a irmã Branwen com o rei da Irlanda Matholwch. Com isso ele quer unificar todas as nações celtas. Mas isso não estava nos planos de seu meio-irmão Efnisien, que ofende o rei irlandês durante a festa dada em honra de seu casamento. Como presente de reconciliação, Bran oferece a Matholwch o caldeirão mágico do renascimento, por meio do qual heróis mortos em guerra podem voltar à vida.

Após o casamento, Branwen fica na Irlanda para morar na corte. Mas a população não a suporta, e, com seu filho, ela é banida da corte e obrigada a trabalhar como criada. Após ter enviado um corvo que domesticara para avisar Bran, este corre em seu auxílio com uma forte armada, atravessa o mar e vence Matholwch. Branwen vigia para que seu filho Gwern suba ao trono. Entretanto, na festa da vitória, a criança é lançada ao fogo. Então irrompe um violento combate. Os irlandeses impõem-se, porque seus guerreiros mortos são ressuscitados no caldeirão mágico. O autor do assalto, tomado de remorso, destrói o caldeirão, e, ao fazê-lo, seu coração para. Bran é mortalmente ferido na coxa por uma flecha envenenada. Ele pede a

seus companheiros que lhe cortem a cabeça e a enviem à Gwynfryd (a branca colina onde se encontra hoje a Torre de Londres). Depois da morte de Bran todas as colheitas secam na Bretanha, e o país torna-se árido durante muito tempo.

Somente sete bretões sobrevivem e voltam a seu país com a cabeça de Bran. Após muitas aventuras, em diferentes lugares, eles chegam finalmente a Londres, onde enterram a cabeça. Durante a viagem, a cabeça de Bran tranquiliza-os e auxilia-os a considerar tudo de certa distância e com algum humor. A cabeça é transportada para o continente para lá ser enterrada, pois um oráculo prediz que assim nenhuma invasão estrangeira acontecerá. Pelas escavações arqueológicas, parece que o culto da cabeça ficou popular no tempo dos celtas da antiga Europa. Em “Bran” reconhecemos “Bron”, um dos cavaleiros da Távola redonda do rei Artur, e vemos também no decorrer de sua missão a imagem do Rei-Pescador, fatigado, doente e entretanto guardião do Graal. Para os celtas, é evidente que o país do qual ele é o rei se tenha tornado árido. A imagem da cabeça cortada sangrando sobre uma bandeja surge em muitos contos. Lembremos das lendas de Peredur, da Medusa ou de João Batista. Nós podemos ver aí um símbolo de diversos níveis: o antigo “eu” oferecido sobre uma bandeja, porque a alma natural, ou seja, a alma mortal, oferece a cabeça e o sangue a fim de que a alma divina latente possa despertar e tornar-se sã.

Taliesin (ca. 534–599) Célebre bardo celta que frequentou ao menos três cortes de reis celtas. Seus poemas foram reunidos no “Livro de Taliesin” - em galês “Llyfr Taliesin” - um dos mais antigos manuscritos galeses que chegaram até nós; ele data de 1275. A obra contém um florilégio de poesias em língua galesa. Outros poemas, entre os quais de lamentações líricas, são tirados dos textos latinos. É espantoso aí encontrar referências ao rei Artur. No manuscrito também descobrimos as referências mais antigas, no âmbito das línguas ocidentais, aos feitos heroicos de Hércules e de Alexandre, o Grande.

Na história de *Peredur*, contada também no Mabinogion, ele defende a honra de Gwe-nhwyfar e salva sua taça de ouro, roubada por um cavaleiro estrangeiro. Em troca, seus combatentes, na realidade os aspectos dele mesmo, podem, sendo verdadeiros buscadores do Graal, visitar a “Ilha dos Bem-aventurados” ou a “Ilha da Juventude”, um lugar onde ele descobre uma espécie de castelo do Graal.

ANNWFN Em numerosos escritos celtas, a taça, o vaso ou a fonte encontra-se no outro mundo, o qual se reflete nas esferas mais sutis do nosso mundo. A ligação entre o mundo cotidiano e as regiões sutis ainda não se rompera para os antigos irlandeses. Esse mundo sutil e oculto tem uma contraparte, também oculta, um mundo inferior de nome Annwfn. Às vezes sua entrada é uma gruta sombria, outras é uma fonte (um exemplo disso é o conto da Dama Holda, dos Irmãos Grimm). Essa entrada é guardada por nove virgens. Às vezes também se fala de uma ilha maravilhosa oculta por neblina no Ocidente; uma terra encantada com quatro torres, onde habita um povo feliz. Eles têm cabelos dourados, casas de mármore branco e móveis de ouro e prata. Eles bebem em taças de cristal e são protegidos por uma armadura mágica contra qualquer ferimento. Em *A aventura de Connla*, uma fada conduz o jovem herói num barco de cristal para essa ilha maravilhosa, um lugar onde não existe nem declínio nem

morte. Esse mundo completamente diferente parece, a princípio, inacessível, inatingível. No entanto, mais tarde, um herói “humano”, por exemplo, Cú Chulainn, na lenda irlandesa *Serglige Con Culainn*, tem de libertar dos gigantes inimigos esse país sagrado, antes de lhe ser permitido voltar para a terra. É a mesma coisa em *A batalha de Moytura*, onde Lug deve libertar a terra dos “Tuatha Dé Danaan” dos Fomorian, que roubaram a taça da abundância carregada de forças sobrenaturais. Assim, a taça do Graal, que no início era propriedade exclusiva dos deuses, torna-se um talismã nas mãos dos homens. Em outros contos, os homens são os guardiães do remédio conservado no caldeirão, porque cada vez mais o mundo dos deuses e o mundo dos homens se separam.

PREIDDEU ANNWFN A história de Annwfn demonstra que a viagem para o outro mundo é perigosa. Aqui o herói nos relata como Artur e três naus cheias de homens viajam para Annwfn. Esse país tem diferentes nomes, como o “Castelo da Montanha”, o “Castelo das Quatro Torres” ou o “Castelo de Cristal”. Dentro de seus muros está acorrentado Gweir, um dos três prisioneiros mais distintos da Bretanha – conhecidos das *Triades irlandesas*. Taliesin, o narrador, relata como esses homens fazem para roubar de Pen Annwfn, o senhor do mundo inferior, o caldeirão mágico engastado de pérolas e pedras preciosas, que é a fonte secreta da sabedoria e do

As clareiras nas florestas ou os reflexos dos raios de sol cintilando através das árvores tinham para os celtas um significado espiritual particular. Cada árvore ou planta tinha sua própria ação e seu próprio significado. Assim, por exemplo, a bétula era consagrada à Bergha ou Brigit, deusa da palavra e da poesia. Os druidas a veneravam como a deusa do renascimento; eles recebiam dela o poder da profecia e da cura. Os artesãos a veneravam como a deusa das forjas.



Um significado novo do Graal, interior, etérico, expande sua luz e nos fala do advento de um nova época: a época do desenvolvimento da alma

conhecimento, guardado com cuidado por nove virgens. De todos esses homens somente voltam sete.

O poema não diz como os outros morrem. É bem possível que se zombe categoricamente dos “homenzinhos” e monges ignorantes, que não têm compreensão da sabedoria e do conhecimento que o bardo – inequivocamente um dos sete sobreviventes – transmite. Se o guerreiro faz a oferenda de todas suas forças naturais, realiza-se nele a transformação do homem interior em Cristo. Ele torna-se um possuidor da taça do Graal, tal como está exposto no fim do poema de quase sessenta linhas do *Preiddeu Annwfn*:

“Como um bando de lobos acuados,
os monges se reúnem após
uma discussão com os que sabem.
Eles nada sabem da aurora
que sucede a escura noite;
do curso do mundo;
da terrível força da tempestade
que atinge o País.
O túmulo dos santos oculta-se
bem fundo na terra.
Eu venero o príncipe altíssimo
da sublime morada.
Que minha tristeza desapareça,
que Cristo seja meu galardão”.

Hoje a sabedoria já não é dada a intermediários entre deuses e homens, tal como era dada antigamente às autoridades religiosas ou

aos reis. No entanto, o homem que é atingido pela luz de Hu Gadarn e combate em si mesmo as forças contrárias ganhará a sabedoria. Nove é o número da humanidade. Todo ser humano pode beber da taça do Graal, pois é um símbolo que ele traz em si mesmo. O mundo dos celtas mostra-se, em sua linguagem metafórica, um mundo duro e cruel, onde o guerreiro corajoso morre com frequência no campo de honra. Embora o ingresso no mundo divino fique cada vez mais difícil por conta do perigo que cerca suas vias de acesso, e o “crepúsculo do deuses” seja um fato seguro, brilha no horizonte uma luz que anuncia uma nova aurora. O herói avista uma nova luz, os velhos símbolos reencontram seu brilho anterior e apontam para a vitória definitiva do guerreiro, que já fez a oferenda de si mesmo, não somente sobre a morte, mas também sobre a velha religião natural. A esfera mágica da rica tradição irlandesa com o caldeirão do renascimento, fonte da eterna juventude, parece ter ficado bem para trás, em outro tempo, em outra época da humanidade. No entanto, um significado novo do Graal, interior, etérico, expande sua luz e nos fala do advento de um nova época, a época do desenvolvimento da alma ☸

w.b. yeats , poeta de coração irlandês

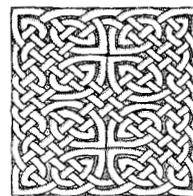
Na Irlanda, sua pátria bem-amada, diz ele com frequência, onde honra sempre os antigos costumes, W.B. Yeats é denominado com direito, o pai de todos os cantores. Numerosos escritores e artistas atuais desse país sentem-se tributários de sua música e seus cantos. Se houve algum dia um poeta buscador este é William Butler Yeats.

Nenhum poeta cantou de forma tão lírica a Irlanda e a alma irlandesa. Chegamos a esquecer que a paz inspirada pelas paisagens representa, em sua obra, a paz interior que ele esperava encontrar no coração. Seus poemas imortais tocam sempre o coração de numerosos leitores que, como ele, estão à procura de sua pátria de origem. William Butler Yeats (1865–1939) não estava destinado a tornar-se poeta como seu

pai e seu avô, mas sim um pastor da Igreja da Irlanda. Entretanto, ele não escolheu o estudo da teologia mas o estudo do direito e das artes plásticas. Rapidamente ele fez da poesia sua principal ocupação, e isso sob a influência do pintor irlandês G.W. Russel (1867–1935), que percebia, nas misteriosas paisagens irlandesas, os elfos e os espíritos. Principalmente em suas obras do início, Yeats deixava-se guiar por seu amor às tra-



O nome irlandês do círculo de pedras “Grange Lough Gur”, no condado de Limerick, significa Pedras do Sol. Com seus 50 m de diâmetro e seus 113 blocos, ele é um dos maiores e mais imponentes cromelques da Irlanda, erigido há cerca de 2 mil anos a.C. A pedra maior, Ronnach Croim Duibh, tem 4 metros de altura e pesa 40 toneladas! Sua estrutura é tal que na manhã do solstício de verão, 21 de junho, o sol aparece com precisão no centro do círculo.



dições populares irlandesas e seu combate a favor da liberdade nacional.

A ROSA VERMELHA Sobre a Irlanda e seu infalível cumprimento como sendo “happy townland” (cidade feliz), surgiu com seus poemas a imagem da rosa vermelha, símbolo do puro amor da mulher intocável de seus sonhos. Em seguida, e de forma ainda mais oculta, ele faz referência à mais secreta e inviolável rosa (*the*

most secret and inviolate rose), a aspiração espiritual que o inicia no simbolismo esotérico.

Mas, essa busca não é somente expressa em verso. Em 1885 Yeats fundou a *Dublin Hermetic Society*, e encontrou em Londres H.P. Blavatsky, que o iniciou na simbologia esotérica. De 1888 até 1890, tornou-se membro da União Teosófica para enfim, entrar ao mesmo tempo que Maud Gonne, sua alma gêmea, na Ordem Hermética da Golden Dawn, um círculo rosa-cruz



que tem seu templo em Londres. Lá, ao lado do fundador MacGregor Mathers, foi também admitido A.E. Waite, historiador e autor da história da Rosa-Cruz e da Francomaçonomia, mais conhecido pelas cartas do tarô.

Para esse grupo, Yeats escreveu, com Maud, todos os rituais iniciáticos. Ele permaneceu fiel ao grupo durante anos. Esse ambiente é claramente perceptível no rico imaginário de sua obra poética. Também vemos nela a influência de Emanuel Swedenborg e Jacob Boehme, sem esquecer William Blake, cujo lirismo ressoa em muitos lugares.

Em seu tempo, quando os assuntos abordados por esses autores eram rejeitados como sendo superstição ou misticismo perigoso, Yeats lutou corajosamente contra o clima materialista, que ele considerava como uma espécie de ignorância. Ele mesmo acreditava apaixonadamente na imortalidade da alma, embora essa crença o levasse ocasionalmente por caminhos escorregadios e tenha sido a causa de muitas ambições fracassadas e de uma vida em geral não tão fácil. Compreende-se, então, que em certo momento ele se arriscou ao analisar as visões da esposa, que, como uma espécie de médium, por meio da escrita automática, registrava mensagens do Além. Com base nisso, ele elaborou no artigo *The Vision* um sistema totalmente esotérico onde descreveu grandes ciclos desenvolvendo-se em espiral, alternando objetividade e subjetividade. Acima dessas mudanças temporárias há o ser espiritual, “a centelha divina inviolável, que permanece separada de todas as encarnações” (*the inviolate spark divinity, which stays separated from all incarnations*). Nesse trabalho, encontramos muitas indicações sobre a mitologia da Irlanda; Yeats encontra-se à vontade nesse assunto graças a seus profundos estudos. Ele trata do assunto em suas obras *Fairy and Folk Tales* (Contos de fada e lendas populares) e *The Celtic Twilight* (O crepúsculo celta). Mas é evidente que seu horizonte ultrapassava de

longe a Irlanda e a cultura celta. Assim, ele e o indiano Shree Purohit Swami fazem uma tradução dos Upanixades, que ainda hoje é muito apreciada.

UM MUNDO REPLETO DE TORMENTOS Yeats sofre com a instabilidade e a transitoriedade da vida, que ele descreve como um mundo de labuta (*the labouring world*). Ele sofre com as numerosas preocupações da vida social e política, principalmente, mas também da vida amorosa, pessoal. A vida quotidiana com sua pesada esperança mortal (*heavy mortal hope*) apenas oferece a perspectiva de velhos dias carregados de desgosto e nostalgia. Um tema que o poeta, com o decorrer dos anos, aborda frequentemente sob a forma de nostalgia da inocência perdida. Nele cresce a consciência da insanidade das coisas e dos vãos esforços dos homens.

Sua curta nomeação como senador no parlamento e a obtenção do prêmio Nobel não causam grande mudança. Sua consciência em toda sua sabedoria nada mais visualiza a não ser ver-se prisioneiro de toda espécie de desgostos. “Mas agora me tornei nada, conhecendo tudo. Ah, Druida, Druida, que poderosa teia de desgostos [...]” (*But now I have grown nothing, knowing all. Ah! Druid, Druid, how great webs of sorrow [...]*) suspira Fergus em seu diálogo com um druida. E as decepções no amor inspiram Yeats a este precioso conselho: “Nunca dê todo o coração” (*never give all the heart*). Em muitos de seus poemas, ele mostra a aparente erudição das “velhas, instruídas, respeitáveis cabeças calvas” (*the old, learned, respectable bald heads*).

UM CORAÇÃO PESADO Ele declara com paixão que os cientistas, velhos e respeitáveis, como eles o são, não têm uma consciência má em toda sua erudição; pois não é a vida que desgasta o homem e o envelhece, mas sim um coração inquieto; e que a causa real está na queda à qual o ser vivente está acorren-



tado, “como a cauda de um cão” (*as a dog’s tail*). Yeats sabe que a paixão é o tormento do coração humano. A alma ama justamente quem mais a fere: “minha alma adora o que a dilacera” (*what hurt the soul my soul adores*). Essa paixão desvia o próprio escritor de sua verdadeira tarefa. Ela apressa-se para iludi-lo, para arrastá-lo; e ele escreve: “Todas as coisas me tentam!” (*all things tempt me!*).

Mas Yeats ao mesmo tempo oferece aos leitores uma alternativa para esta vida dolorosa: Escutai as “coisas estranhas que Deus disse aos corações claros” (*strange things said God to the bright hearts*). Essa é a mensagem fundamental da “rosa sobre o madeiro do tempo” (*rose upon the rood of time*), por meio da qual ele se declara um rosa-cruz. Essa rosa, em sua beleza eterna, fala sobre sua repugnância para com o tempo que se torna velho e monótono, de uma história que não cessa de se repetir. O poeta deve operar uma radical reviravolta, “não olhes mais na angustiante taça” (*gaze no more in the bitter glass*) e chegar à uma escolha certa, assim como consta no poema *As duas árvores*:

*Beloved, gaze in thine own heart,
The holy tree is growing there;
From joy the holy branches start
And all the trembling flowers they bear. (...)
There the Loves a circle go,
The flaming circle of our days
Gyring, spiring to and fro
In those great ignorant leafy ways. (...)
Beloved gaze in thine own heart.*

*Amada, contempla o próprio coração,
A árvore sagrada nele cresce.
Com alegria brotam os ramos sagrados
E todas as trêmulas flores que geram. (...)
E lá os Amores passeiam em círculo,
O círculo flamejante de nossos dias,
Girando e rodopiando para cá e para lá (...)
À moda tão ignorante das folhas. (...)
Amada, contempla o próprio coração.*

UM FIM ÀS FORMAS TERRESTRES Dois dos poemas de Yeats tornaram-se clássicos. Já foram dissecados e analisados por milhares de críticos literários, enquanto que, para o leitor a quem eles falam ao coração, seu sentido é evidente. Em “Navegando para Bizâncio” (*Sailing to Byzance*), Yeats diz que essa cidade, para ele sagrada, simboliza a vida espiritual. Por esse motivo ele a celebra como a cidade da juventude eterna e não como um país para velhos (*no country for old men*), que, com sua vestimenta mortal, não são mais do que “um casaco surrado em um cabide” (*a tattered coat upon a stick*). Ela é uma cidade para sábios, e ele os conclama a sair do fogo sagrado a fim de ensinar sua alma a cantar. Ele suplica a esses sábios que iniciem a transformação de sua alma doente de desejo, acorrentada a um animal moribundo, e a incluam na obra de arte da eternidade (*into the artifice of eternity*). Na última estrofe ele suspira:

*Once out of nature I shall never take
My bodily form from any natural thing,
But such a form as Grecian goldsmiths take
Of hammered gold and gold enamelling
To keep a drowsy Emperor awake
Or set upon a golden bough to sing
To, lords and ladies of Byzantium
Of what is past, or passing, or to come.*

Espada

ar
primavera
amarelo
Artur
leste



Pátina

terra
inverno
verde
Gaiwan
norte



Graal

água
outono
azul
Percival
oeste



Lança

fogo
verão
vermelho
Amfortas
sul



*Uma vez fora da natureza eu jamais tomarei
Minha forma corpórea de qualquer coisa natural,
Mas uma forma como a que os ourives gregos
Fazem de ouro batido e esmalte dourado
Para manter um imperador sonolento desperto
Ou golpear um ramo dourado para que cante,
Senhores e senhoras de Bizâncio,
Do que é passado, ou está passando, ou vindo.*

Na primeira estrofe do poema “A segunda Vinda” (*The second Coming*), ele evoca a imagem de um falcão voando cada vez mais longe do ninho. É assim que Yeats descreve a anarquia em que sucumbe um mundo que

As quatro imagens ao lado são conhecidas como as quatro bênçãos dos “Túatha” ou “O povo da deusa Danu”, população mitológica irlandesa. Sua história está relatada no manuscrito “O livro de Leinster”, datado por volta de 1150. W.B. Yeats identifica-os como os quatro animais do tarô.

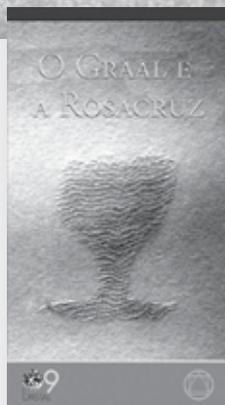
perdeu o coração e onde tudo entra em decomposição. A segunda estrofe do poema dá a ideia de um retorno, de um renascimento, uma esperança inspirada pela imagem secular da esfinge:

*Somewhere in sands of the desert
A shape with lion body and the head of a man,
A gaze blank and pitiless as the sun.*

*Em algum lugar nas areias do deserto
uma forma com corpo de leão e cabeça de homem,
Um olhar inexpressivo e impiedoso como o sol.*

Esse sol escureceu num sono de pedra durante vinte séculos. E ainda agora o resultado não é evidente. Mesmo assim, a questão é se a esperança quase perdida no fim desta era finalmente se cumprirá quando soar a hora do aparecimento de uma besta monstruosa que “bamboleia em direção a Belém para nascer” (*slouches towards Bethlehem to be born*). Aqui Yeats evoca uma luta final entre o Cordeiro e a besta do abismo. Se Yeats entretém com amor a lembrança da Irlanda de sua juventude, não pode, entretanto, considerar como reais a guerra e os conflitos experimentados por seu país e por ele mesmo na própria vida. Ele acreditava acima de tudo em uma paz eterna nascida de uma luta temporária: “Pelo fogo para a luz” (*Per ignem ad lucem*) diz a máxima que ele escolheu para sua iniciação na Ordem Hermética da Golden Dawn ☉

O GRAAL E A ROSACRUZ



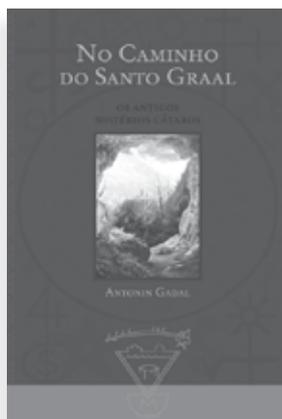
O GRAAL E A ROSACRUZ

Série Cristal nº9

Este livro é uma coletânea de várias lendas sobre o Graal em várias culturas e seu respectivo significado.

A taça do Graal pode ser vista como “uma cratera enviada para baixo cheia de forças do Espírito”, onde as almas buscadoras que venceram toda a resistência terrena podem encontrar seu caminho para a eternidade.

NO CAMINHO DO SANTO GRAAL



NO CAMINHO DO SANTO GRAAL

Antonin Gadal

O autor desvenda o caminho da iniciação cristã – o caminho do Santo Graal, “o caminho das estrelas” – tal como era vivido

pelo candidato da antiga Fraternidade dos Cátaros nos santuários do vale do rio Ariège, em Ussat-Ormolac, nos montes Pirineus, sudoeste da França.



Pentagrama Publicações
Caixa Postal 39 – 13240-970 Jarinu - SP – Brasil
Tel. (11) 4016.1817 – fax (11) 4016.3405
www.pentagrama.org.br – livros@pentagrama.org.br

ISSN 1677-2253



9 771677 225003

R\$ 16,00

**Fui formado de nove elementos,
Das árvores frutíferas,
Do fruto paradisiaco,
Das primaveras e das flores da montanha,
Das flores das árvores e dos arbustos.
Das raízes da terra fui formado,
Da giesta e das urtigas,
Da água da nona onda.
Math encantou-me antes que me tornasse imortal,
Gwydion criou-me com sua varinha mágica.
De Emrys e Euryon,
De Mabon e Modron,
De cinco vezes cinquenta magos como Math fui formado.
O mestre criou-me em êxtase supremo.
Por sábios druidas antes do início do mundo fui criado
E conheço a sabedoria das estrelas desde o início dos tempos.**

Hino celta de Taliesin